

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

EDUARDA CUNHA COLOMBIANO

“A MULHER DO FIM DO MUNDO”:
Um estudo sobre os discursos sociais de Elza Soares a partir de sua trajetória

NITERÓI

2017

EDUARDA CUNHA COLOMBIANO

“A MULHER DO FIM DO MUNDO”:

Um estudo sobre os discursos sociais de Elza Soares a partir de sua trajetória

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Produção Cultural da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para obtenção do
Grau de Bacharel.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Mayka Castellano

NITERÓI
2017

EDUARDA CUNHA COLOMBIANO

“A MULHER DO FIM DO MUNDO”:

Um estudo sobre os discursos sociais de Elza Soares a partir de sua trajetória

Niterói, 14 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Mayka Castellano – Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Marisa Schincariol de Mello
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Ms. Maria Teresa Mattos de Moraes
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI

2017

C718 Colombiano, Eduarda Cunha.

A mulher do fim do mundo : um estudo sobre os discursos sociais de Elza Soares a partir de sua trajetória / Eduarda Cunha Colombiano. – 2017.

77 f. : il.

Orientadora: Mayka Castellano.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Fluminense. Departamento de Arte, 2017.

Bibliografia: f. 73-77.

1. Soares, Elza, 1937-. A mulher do fim do mundo. 2. Feminismo. 3. Raça negra. 4. Indústria cultural. I. Castellano, Mayka. II. Universidade Federal Fluminense. Departamento de Arte. III. Título.



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato:

Matrícula: 212.033.062

EDUARDA CUNHA COLOMBIANO

Título do Trabalho:

"A MULHER DO FIM DO MUNDO: UM ESTUDO SOBRE OS DISCURSOS SOCIAIS DE ELZA SOARES A PARTIR DE SUA TRAJETÓRIA"

Orientador: Dr^a. Mayka Castellano

Categoria: Monográfica

Data da Apresentação: 14/07/2017

BANCA EXAMINADORA

1º Membro (Presidente): Dr^a. Mayka Castellano

2º Membro: Dr^a. Marisa S. Mello

3º Membro: Me. Maria Teresa Mattos de Moraes

AVALIAÇÃO:

Análise / Comentário

A banca ressalta a pertinência da reflexão no atual contexto, sobre as relações entre raça, classe e gênero. Destaca a potencialidade do texto e a epistemologia adotada. Recomenda a continuidade dos estudos.

10 (dez)

Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

ASSINATURAS Mayka Castellano Marisa Mello Maria Teresa Mattos de Moraes
1º Membro (Presidente) 2º Membro 3º Membro

Dedico esse trabalho à todas as meninas e mulheres que através da arte encontram estratégias para existirem e resistirem.

AGRADECIMENTOS

Apesar de todas as dificuldades que tive neste último ano, estou aqui, ao mesmo tempo ansiosa e feliz por estar finalizando mais um ciclo. Em toda minha vida tive a felicidade de me encontrar com inúmeras pessoas incríveis, que fizeram esta trajetória da faculdade ser inesquecível. Sem vocês, sem as risadas, os abraços, os beijos, os conselhos, as conversas, os almoços, os bares e os incentivos, eu não seria ninguém.

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, Rosane e Leonisio, e aos meus irmãos, Leo e Tiago, por todo apoio que me deram ao longo de toda minha formação, o qual não foi diferente nessa etapa. Tenho a plena noção de que são poucas pessoas neste país que têm o privilégio de ter um apoio assim da família, seja ele financeiro ou emocional. Tenho um orgulho imenso de ser filha e irmã de vocês. A toda minha família, principalmente Tia Sandrinha, que é como se fosse uma segunda mãe para mim e à minha segunda família, que são todas (ou quase todas) amigas que moraram comigo nestes 5 anos de Niterói, por mais breve que tenha sido: Amanda, Érikinha, Yasmin's, Ana, Paula, Luisa's. Sempre levarei com carinho todos os momentos que tive com vocês.

À minha professora e orientadora, Mayka Castellano, que por mais que eu tenha tido dificuldades neste último ano, o que fez com que eu escrevesse esta monografia com muita lentidão (desculpa), não desistiu de mim e sempre foi solícita à todas minhas perguntas e mensagens. Suas aulas foram incríveis e de extrema importância em minha formação. Às professoras Marisa S. de Mello e Tetê Mattos que prontamente aceitaram ler e avaliar este trabalho. A todas as professoras incríveis que eu tive nesta faculdade, como: Mel Santos, Simone Sá, Ana Lucia Enne, Flávia Lages, Marina Bay Frydberg, Luiza Bittencourt, Mayka Castellano, Tetê Mattos, entre outras. Saber que existem professoras como vocês é algo que me traz esperança de termos, talvez, um futuro melhor.

A todos os amigos e amigas que fiz durante estes anos em Niterói, como calouros, veteranos, amigos de turma e de outros cursos, foram tantos que fizeram com que meus dias sejam melhores, desde amigas que faziam de meus trabalhos em grupo mais emocionantes, como amigos que fizeram com que a amizade rompesse as paredes da UFF e fosse parar em outros lugares, sei que levarei vocês para o resto da vida, principalmente, Rodrigo. Eu sou extremamente feliz por ter te conhecido, Rô. Talvez você tenha sido uma das partes mais importantes desse ciclo.

Agradeço às minhas amigas de vida: Amandinha, Erikinha, Juliana, Júlia, Leo e Yayá, eu sou completamente feliz por tê-las em minha vida. E, em especial, Rafa, Tetê e Raquel, que tiveram ao meu lado em muitos momentos deste último ano, mesmo com a distância, vocês me deram ânimo para que eu não desistisse através das mensagens e desabafos.

Por fim, e não menos importante, agradeço à Daphne, talvez o elemento fundamental para que eu tenha conseguido superar todas as dificuldades que travei comigo mesma e possa terminar esta etapa, sou muito feliz de tê-la em minha vida. Não tenho nem palavras para escrever quão grata eu sou por todo o carinho, amor e preocupação que tem comigo. Muito obrigada.

Amo todas e todos vocês!

RESUMO

Esta pesquisa investiga as especificidades da experiência musical e discursiva a partir da trajetória da cantora Elza Soares, tendo como foco o álbum *A Mulher do Fim do Mundo*, considerando os contextos de raça, gênero e classe que a circunscrevem, dialogando com autores como Angela Davis, Stuart Hall, Jurema Werneck, Sueli Carneiro, entre outros. Baseado nas letras de duas músicas cantadas por Elza, *A Carne* e *Maria da Vila Matilde*, em que são tratados assuntos sobre negritude e violência doméstica e, além de analisar suas falas dadas na mídia, utiliza-se estudos sobre feminismo, feminismo negro, pós-feminismo e indústria cultural e, a partir deles e de uma discussão no Facebook, analisamos questões diversas, como o álbum ser ou não feminista. Busca-se então contribuir com o debate sobre feminismo, racismo e machismo, estes últimos dois, sendo elementos estruturantes de nossa sociedade e, conseqüentemente, presentes na indústria cultural.

Palavras-chave: A Mulher do Fim do Mundo, Elza Soares, Feminismo, Raça, Indústria Cultural.

ABSTRACT

This research investigates the specificities of the musical and discursive experience through the life course of the singer Elza Soares, focusing on the album *A Mulher do Fim do Mundo*, considering the race, gender and class contexts that surround her, dialoguing with authors such as Angela Davis, Stuart Hall, Jurema Werneck, Sueli Carneiro, and others. Based on the lyrics of two songs by Elza, *A Carne e Maria da Vila Matilde*, in which subjects like blackness and domestic violence are mentioned, besides analyzing her speech in the media. Therefore, studies regarding feminism, black feminism, postfeminism and the cultural industry are used. Various questions are analyzed with them and a Facebook argument as source, as the album being or not feminist. The research intends to contribute to the debate about feminism, racism and misogyny. The last two being structurant elements of our society and thus, present in the cultural industry.

Key-words: The woman at the end of the world, Elza Soares, Feminism, Race, Cultural Industry

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| LISTA DE FIGURAS | 10 |
| INTRODUÇÃO | 11 |
| | |
| CAPÍTULO 1 | |
| “MULHER DO FIM DO MUNDO”: SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA E ÚLTIMO | |
| ÁLBUM DE ELZA SOARES | 16 |
| 1.1. “Eu vim do planeta Fome!”: trajetória de Elza Soares | 17 |
| 1.2. O álbum | 25 |
| 1.2.1. Fichas técnicas e faixas | 29 |
| 1.2.2. Premiações | 30 |
| 1.3. Elza nas redes sociais e mídia | 32 |
| | |
| CAPÍTULO 2 | |
| “A CARNE”: SOBRE QUESTÕES DE RAÇA E GÊNERO | |
| 37 | |
| 2.1. "O legado da escravidão" | 38 |
| 2.2. Breve história sobre o feminismo | 42 |
| 2.3. Feminismo negro | 46 |
| 2.4. Análise de letras | 49 |
| 2.4.1. A Carne | 50 |
| 2.4.2. Maria da Vila Matilde | 52 |
| 2.5. “Vamos fazer um escândalo!”: analisando vídeo de Jout Jout | 56 |
| | |
| CAPÍTULO 3 | |
| “ESTE ÁLBUM NÃO É VERDADEIRAMENTE FEMINISTA”: SOBRE INDÚSTRIA | |
| CULTURAL E FEMINISMO OU PÓS-FEMINISMO | 60 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 71 |
| REFERÊNCIAS | 74 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Postagem de Elza em seu Facebook com apoio à artistas LGBTQ's | 33 |
| Figura 2 – Postagem de Elza em seu Facebook sobre machismo e assédio | 33 |
| Figura 3 – Postagem de Elza em seu Facebook de 2013, antes do lançamento de A Mulher do Fim do Mundo | 34 |
| Figura 4 – Postagem de Elza em seu Facebook com despedida carinhosa aos fãs | 35 |
| Figura 5 – Tweets de Elza sobre falar de política em seus shows | 36 |

INTRODUÇÃO

Meu percurso nos últimos anos no curso de graduação em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense foi de extrema importância para minha escolha de tema de monografia. A cada período que passava eu tinha a certeza que queria falar sobre música, mas até meu oitavo período não sabia sobre o que exatamente. Porém, ao fazer a matéria “Mídia e gêneros sexuais”, ministrada pela professora Mayka Castellano, minha orientadora nesta pesquisa e, também, ao ouvir o álbum *A Mulher do Fim do Mundo*, de Elza Soares e sentir sua potência de crítica, tive a convicção do meu tema. Esse é um estudo sobre o álbum *A Mulher do Fim do Mundo* e a trajetória de uma das artistas mais icônicas do Brasil, quiçá do mundo, pois ganhou o prêmio de melhor cantora do milênio em 1999 pela rádio BBC de Londres, além de inúmeros prêmios por conta de seu último disco. Elza da Conceição Soares, mais conhecida como Elza Soares, possui uma história de vida cheia de altos e baixos e é uma verdadeira inspiração para muitos; ela não é apenas um ícone como artista, mas também, como pessoa, um exemplo de superação.

Atualmente, aos 80 anos, reafirma um discurso de empoderamento às minorias (mulheres, negros, população LGBTQ’s...) e tem propriedade sobre o que está falando. Mulher, negra e pobre, Elza nasceu em Água Santa, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde atualmente fica Padre Miguel – Vila Vintém. Casou-se e teve filhos ainda quando era criança. Filha de pedreiro e lavadeira, passou por muitas dificuldades quando jovem: “Sabe que não é mole uma vida de pedreira dentro de água Santa. Uma criança, pobre, sem água, sem luz direito, sem nada.”¹ A cantora aprendeu a cantar carregando lata d’água na cabeça.

Em 1953, Elza Soares decidiu participar do programa de calouros da Rádio Tupi, apresentado por Ari Barroso, pois lá poderiam descobrir sua voz e assim conseguiria dinheiro para salvar seu filho João Carlos, que estava muito doente. Esse era um programa muito famoso na época. “Era como Fantástico. Todos queriam assistir”². Ao entrar no palco do programa todos na plateia começaram a rir de Elza, que estava vestida com a roupa de sua mãe, que era, praticamente, do dobro de seu tamanho, pois não tinha nenhuma roupa que servia para a ocasião. Assim colocou inúmeros alfinetes para tentar ajustar a peça. Ari Barroso ao ver a jovem se assustou e em tom de piada perguntou de que planeta ela vinha. Elza não se deixou intimidar

¹ Fala de Elza Soares na reportagem “Prestes a completar 79 anos, Elza Soares luta pela saúde sem sair dos palcos”. *Domingo Espetacular*. Rede Record. 15 de maio de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KWHoQh0HsBw&t=36s>>

² Fala de Elza Soares na reportagem “Prestes a completar 79 anos, Elza Soares luta pela saúde sem sair dos palcos”. *Domingo Espetacular*. Rede Record. 15 de maio de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KWHoQh0HsBw&t=36s>>

e respondeu: “do mesmo planeta que o senhor. Do planeta fome!”. Elza Soares cantou a música *Lama* escrita por Alyce Chaves e Paulo Marques e conseguiu a nota máxima, sendo aclamada como a nova estrela da música brasileira.

Uma das artistas mais consagradas da música brasileira, Elza é cantora e compositora de samba, MPB, bossa nova, jazz, samba rock, entre outros gêneros, preferindo não ser rotulada com nenhum, sendo talvez mais conhecida pelas aclamadas interpretações que dá às músicas. “Quando você pega um livro que você sente cheiro de vida, de sangue, de suor, de lágrimas é a Elza cantando. É a literatura dela. Quando ela canta vem a vida toda dela. Por isso ninguém supera as gravações das músicas que a Elza grava.”³

Em outubro de 2015, Soares lançou seu último disco de estúdio pelo selo Circus, o primeiro disco em 60 anos de carreira apenas com músicas inéditas, intitulado *A Mulher do Fim do Mundo*, que está presente em listas de “melhor disco do ano” de variados blogs e revistas, ficando em primeiro lugar em muitos deles, e que foi indicado ao Grammy Latino como Melhor Álbum de Música Popular Brasileira e Melhor Canção em Língua Portuguesa, com *Maria da Vila Matilde*, ganhando na categoria de melhor álbum, além de inúmeras outras indicações e prêmios. Com 11 faixas escolhidas por Elza, o álbum foi viabilizado com recursos financeiros do Natura Musical, sob a produção de Guilherme Kastrup; possui a sonoridade diferente de qualquer trabalho anterior, mesclando gêneros musicais como o rock, samba, eletrônica e rap. As letras de *A Mulher do Fim do Mundo* possuem muita crítica social, abordam temas como a violência doméstica, transexualidade, narcodependência, negritude e morte. Já no título do álbum vemos a força de Elza que, em uma entrevista para a HuffPost Brasil realizada em 2015, diz que “eu acho que a mulher do fim do mundo é aquela que busca, aquela que grita, que reivindica, que fica de pé, é essa mulher. No fim, eu sou essa mulher!”.⁴

Esse álbum é um dos objetos de análise de minha monografia devido à grande repercussão que recebeu em veículos de grande massa e, principalmente, nas redes sociais, por conta do cunho social presente nas letras das músicas, como, por exemplo, a forte música *Maria da Vila Matilde (Porque Se a da Penha é Brava Imagine a da Vila Matilde)*, que aborda um tema de extrema urgência no Brasil: a violência doméstica. Em seus shows, Elza pede a todas as mulheres que liguem para o 180 e denunciem a violência, algo que a própria artista sentiu em sua pele com seu primeiro marido e depois com o jogador de futebol Garrincha, com quem

³ Fala de Pedro Bial sobre Elza Soares no documentário O Gingado da Nega. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5EqOwNuKE78>>

⁴ MARTINELLI, A. Elza Soares fala sobre feminismo, o amor por Garrincha e como cantar ainda é “remédio bom”. *HuffPost Brasil*. 06 de novembro de 2015. Disponível em <http://www.huffpostbrasil.com/2015/11/06/elza-soares-fala-sobre-feminismo-o-amor-por-garrincha-e-como-ca_a_21692598/>

viveu 16 anos. Naquela época, porém, de acordo com Elza, ela não poderia denunciar Garrincha pelos abusos devido a motivos que vão desde ele ser uma personalidade famosa de um meio muito machista como o futebol, como também pelo fato de que pouco se falava sobre isso.

Ao pesquisar nas redes sociais sobre assuntos que me inspirassem em meu projeto de monografia me deparei com vários conflitos sobre o álbum de Elza. Uma internauta chamada Tay Nascimento, por exemplo, câmera, diretora de fotografia e produtora cultural, alegou que o disco não era verdadeiramente feminista pois em sua ficha técnica de mais de 30 pessoas envolvidas em toda a produção, só é possível vermos a presença de 3 mulheres, contando com Elza Soares, e que vários destes homens envolvidos eram machistas e coniventes com abusos que ela e outras mulheres haviam sofrido. O disco então seria apenas protagonizado pela cantora e, assim, travestido de feminista. Porém, o post que inicialmente era para ter sido contra o machismo, foi visto como racista por Djamila Ribeiro, pesquisadora na área de filosofia política e feminista negra, que escreveu uma resposta à Tay intitulada *Antes de boicotar o álbum de Elza Soares, repense o seu racismo*⁵. No texto, Djamila questiona o verdadeiro motivo desse “boicote”, e diz que o argumento de Tay dá a entender que Elza estava sendo usada e não possuía consciência da potência do álbum. Além disso, afirma que, infelizmente, os espaços de produção ainda são dominados por homens brancos, porém, chamava a atenção para o quão problemático é cair numa crítica que tenta deslegitimar o sujeito oprimido como se não tivesse potencialidade. A produtora cultural respondeu à Djamila pedindo desculpas a todas as mulheres negras e pessoas que se sentiram ofendidas com o que ela havia escrito, argumentando que o boicote ao álbum não era sua intenção mas, sim, alertar sobre o machismo. Essa discussão é um dos pontos do meu estudo, e mostra ser de extrema importância o debate sobre o feminismo e racismo.

Portanto, o principal objetivo desse trabalho é debater sobre alguns assuntos como feminismo, feminismo negro, racismo e indústria cultural, a partir da análise sobre o próprio álbum *A Mulher do Fim do Mundo* em questão sobre o seu entorno discursivo: observações em entrevistas, conflitos em redes sociais, documentários sobre a cantora, etc. Sendo assim, no decorrer desta pesquisa tento responder algumas questões como: Soares sempre se considerou feminista? Podemos dizer que o acionamento do feminismo pode ser entendido apenas como marketing para divulgação de seu álbum (uma vez que o assunto está em debate atualmente, no campo cultural, tal como vimos nas polêmicas envolvendo a cantora Beyoncé em sua turnê *On The Run*)? Como em sua trajetória Elza foi direcionada a essas questões sociais? Por que hoje

⁵ RIBEIRO, Djamila. “Antes de boicotar Elza Soares, repense o seu racismo”. Carta Capital. 22 de junho de 2016. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/antes-de-boicotar-elza-soares-repense-o-seu-racismo>>

em dia essas questões ganharam uma importância e geraram uma polêmica muito maiores? Qual o contexto social e político em que vivemos e como ele influencia o álbum? Qual a importância de Elza Soares para as minorias?

No primeiro capítulo, irei falar sobre a vida de Elza Soares, mostrando suas dificuldades, fracassos, vitórias, a importância no cenário político e cultural do país e, também, sobre o álbum *A Mulher do Fim do Mundo*. Para dar conta dos propósitos deste capítulo, foi realizado um estudo da trajetória de Elza Soares a partir da coleta e análise de materiais sobre a mesma. A coleta desses materiais se deu através de três fontes principais: a) leitura da bibliografia de Elza, *Cantando para não enlouquecer* (1997) escrita por José Louzeiro; b) levantamento de material na mídia em seus diversos meios (matérias jornalísticas, entrevistas, documentários, presenças em programas de TV e rádio, etc.); c) observação exploratória das suas redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) e d) análise sobre o último álbum e toda sua repercussão na mídia. A combinação dessas fontes rendeu uma quantidade substancial de conteúdos sobre a trajetória da cantora, sendo possível responder algumas perguntas que fiz ao relacionar Elza Soares com os assuntos que pretendo abordar nessa monografia.

No capítulo 2, irei abordar questões que envolvem, gênero, raça e classe, pois além de vermos a trajetória de Elza, é de extrema importância falarmos sobre feminismo e racismo, que são duas questões que atravessam a vida da cantora. Sendo assim, a base principal deste capítulo será através dos livros *Mulher, Raça e Classe* (1981) de Angela Davis e *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil* (2011) de Sueli Carneiro. Além dessas escritoras, também me utilizarei de outras escritoras negras como a escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie, a escritora norte-americana Audre Lorde e a brasileira Jurema Werneck, entre outras, além de recorrer ao site Geledés – Instituto da Mulher Negra⁶. Primeiramente analisarei de forma breve o “legado da escravidão⁷”, mostrando questões cruciais à vida da população negra como o racismo, violência e desigualdade social. Logo após, falarei sobre feminismo, contando um pouco de sua história, ondas, significados, *backlashs*, o que é de extrema importância para, além da trajetória de Elza, entendermos os seus posicionamentos e atitudes relacionados com o feminismo. Ao final deste capítulo, analisarei duas letras de músicas que Elza canta e que se relacionam com a temática feminista e de raça como *Maria da Vila Matilde*, escrita por Douglas Germano, que mostra um retrato sobre a violência doméstica contra as mulheres no Brasil, e a música *A Carne*, do cantor Seu Jorge e Marcelo Yuka, conhecida na voz e interpretação marcantes de Elza, em

⁶ “GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra foi fundada em 30 de abril de 1988. É uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira.” Disponível em <www.geledes.org.br>.

⁷ *O legado da escravidão* é o título do primeiro capítulo do livro *Mulher, raça e classe* (1981) de Angela Davis

que é cantada a crítica frase “a carne mais barata do mercado é a carne negra”. Além disso, me utilizarei de reportagens e depoimentos em que Elza Soares fala sobre racismo.

No terceiro e último capítulo abordarei questões sobre indústria cultural e machismo onde investigarei a discussão que encontrei na internet sobre o álbum *A Mulher do Fim do Mundo* “não ser verdadeiramente feminista” e me utilizarei de estudos sobre indústria cultural, cultura e pós-feminismo. Essa discussão é um dos pontos do meu estudo, e mostra ser de extrema importância o debate sobre o feminismo e racismo na indústria cultural.

Esta pesquisa não poderia ser feita apenas baseada no álbum *A Mulher do Fim do Mundo*, deixando esquecida toda a trajetória da artista. Seria um grande equívoco se apenas fizesse isso, pois a história de luta de Elza Soares é de extrema importância para entendermos suas posições políticas hoje em dia, a qual influenciou o álbum e influencia várias pessoas que são tocadas por sua arte, algo que fará com que muitas das minhas perguntas sejam respondidas durante o estudo.

Desejamos que esse trabalho de conclusão de curso possa contribuir para estudos sobre gênero, raça, música e, principalmente, alertar sobre o machismo que nos permeia até mesmo em áreas ditas mais liberais, como a área da indústria cultural, sendo algo de grande importância para pensarmos os modelos de produção cultural.

CAPÍTULO 1

“Mulher do Fim do Mundo”: sobre a trajetória de vida e último álbum de Elza Soares.

“Quebrei a cara e me livre do
resto dessa vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar”

Mulher do Fim do Mundo (Romulo Fróes e Alice Coutinho)

Esse capítulo é de extrema importância para a análise dessa monografia. Nele, primeiramente, estudarei a trajetória de vida de Elza Soares desde a infância até os dias atuais, traçando, resumidamente, os pontos principais, para que ao final deste estudo eu possa conseguir responder minhas questões junto com as leituras que fiz ao decorrer de minha graduação.

Utilizarei a biografia de Elza feita por José Louzeiro, *Cantando Para Não Enlouquecer*, de 1997, documentários como *O Gingado da Nega*⁸, realizado pelo Canal Bis em 2013 e *My Name is Now*⁹ de Elizabete Martins Campos, feito em 2014, além de inúmeras entrevistas que encontrei na internet dadas à canais de televisão, vlogs e outros meios de comunicação ao decorrer de sua carreira.

Logo após, na segunda parte deste capítulo, analisarei o último álbum de Elza, *A Mulher do Fim do Mundo*, o qual está rendendo muitos prêmios como o Grammy Latino 2016 de Melhor Álbum de Música Popular Brasileira¹⁰, presença na lista dos 10 melhores discos do ano pelo Jornal New York Times¹¹, onde podemos ver a presença de álbuns de grandes artistas como David Bowie, Beyoncé, etc, indicações à artista e, também, muita polêmica. Neste, utilizarei estudos sobre cultura e sociologia da música pop, além de fazer uma coleta de dados a partir de sites de notícias e, também, das suas redes sociais. Porém, será apenas no terceiro capítulo que falarei acerca da “polêmica” e debate que mais chamou a minha atenção sobre o álbum de Elza “não ser verdadeiramente feminista”, pois é de extrema importância que eu analise antes a trajetória da artista e discorra sobre temas como feminismo e racismo, os quais farei no capítulo 2 dessa dissertação.

⁸ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5EqOwNuKE78&t=8s>>

⁹ O documentário *My Name is Now* concorreu ao prêmio Netflix para entrar no catálogo de filmes da Netflix em outros países, porém não ganhou. Disponível em <<http://itcanal.com.br/mynameisnow/>>.

¹⁰ EQUIPE RED BULL. Elza Soares conquista Grammy Latino. *#Música*. 17 de novembro de 2016. Disponível em <<http://www.redbull.com/br/pt/music/stories/1331829955990/elza-soares-conquista-grammy-latino?linkId=31296199>>

¹¹ O GLOBO. Álbum de Elza Soares entra nos dez melhores do ano do “New York Times”. *O Globo*. 08 de dezembro de 2016. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/album-de-elza-soares-entra-nos-dez-melhores-do-ano-do-new-york-times-20611941>>.

A terceira parte desse capítulo será composta por uma observação exploratória das redes sociais de Elza Soares, onde analiso brevemente as postagens de suas páginas do Twitter, Instagram e, principalmente, Facebook a partir de outubro de 2013, dois anos antes do lançamento do álbum *A Mulher do Fim do Mundo*. Analisarei como ela está utilizando de suas redes sociais como marketing, para entrar em um maior contato com os fãs e debater assuntos como violência doméstica, racismo e outras questões sociais, pontos centrais de seu último álbum.

A proposta desse capítulo é, através de sua trajetória, procurar entender o processo de construção de Elza como um produto midiático, sua imagem de “mulher lutadora”/“mulher feminista”, compreender se essa construção foi pensada, programada e construída ou se foi um apelo do marketing pessoal, sobretudo após o lançamento do álbum *A Mulher do Fim do Mundo* com todo o cunho feminista que ele aborda e por este assunto estar em voga na mídia, visto que “as celebridades ostentam aquilo que uma determinada sociedade num determinado momento, valoriza” (FRANÇA, 2014, p. 25).

Encontramos isto também, por exemplo, em programas de televisão como *Amor & Sexo* da TV Globo, em que, no programa de estreia da segunda temporada, abordaram o tema feminismo (o que gerou muita crítica positiva e negativa acerca do programa) e homenageou Elza Soares¹².

A partir disto, investigar que estratégia está sendo usada para a consolidação da imagem de Elza e como isso dialoga com *A Mulher do Fim do Mundo* e alguns de seus trabalhos anteriores. Além de observar a relação do álbum com a trajetória da própria cantora e, a partir de pesquisas analisar a importância dele e de Elza Soares no cenário político sociocultural brasileiro em que estamos vivendo.

1.1. “Eu vim do planeta Fome!”¹³: trajetória de Elza Soares

Este subcapítulo começa com um título que diz muito sobre a vida “extremamente sofrida” (AOUAD, 2014) de Elza. “Eu vim do Planeta Fome!” foi uma fala que a cantora deu aos seus 16 anos, em outubro de 1953, logo ao entrar no programa da Rádio Tupi, *Calouros em*

¹² Elza Soares é homenageada na estreia de “Amor & Sexo”: “ia até o inferno por amor, hoje não vou mais”. *GShow*. Disponível em <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/elza-soares-e-homenageada-na-estreia-de-amor-sexo-ia-ate-o-inferno-por-amor-hoje-nao-vou-mais.ghtml>>.

¹³ Frase dada por Elza no programa de calouros da Rádio Tupi em 1953, ao ser indagada de que planeta viria. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IQ3-GG0jvYI>>.

Desfile, comandado por Ary Barroso. Este era, talvez, um dos programas mais populares da década de 50 no Brasil.

Elza Gomes da Conceição Soares, mais conhecida como Elza Soares nasceu em 1937 na favela de Água Santa, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, onde hoje encontra-se o bairro Padre Miguel. Filha de pedreiro e lavadeira, podemos ver em sua biografia que, desde sua infância, passou por muitas dificuldades em sua vida, algo que faz com que sua trajetória seja repleta de luta e resistência, principalmente por ser mulher, negra e pobre.

Em várias entrevistas que analisei de Elza durante seus últimos 15 anos de carreira, pude notar que a artista sempre deixou claro em suas falas, o seu local de origem: “Sou negra, favelada, mulher”¹⁴, fala que é de grande representatividade para muitas mulheres brasileiras.

Elza, ao dizer que é “negra, favelada e mulher”, está fazendo política ao reafirmar suas várias identidades (HALL, 2015) - entendendo o conceito de raça como “uma construção política e social”, uma “categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo” (HALL, 2003, p. 66) -, pois é de extrema importância e representatividade que uma mulher, negra e favelada, as quais são identidades subalternas, tenha alcançado lugares de destaques como a cantora conseguiu.

Elza Soares é um corpo político com uma múltipla lógica de subalternidade: além do gênero sexual, a cantora encontra-se atravessada por questões vinculadas à classe social e raça. De acordo com Scott (1995), não é possível pensar o corpo fora da cultura, pois não existe experiência corporal fora dos processos sociais e históricos de construção de significados. É necessário, ao analisar artistas pop que “habitam” os corpos subalternos, reconhecer lugares de existência, de luta e resistência diante de sistemas e instituições.

Em dezembro de 2002, durante a entrevista para o programa *Roda Viva* da TV Cultura¹⁵, Elza diz nunca ter saído da favela:

Eu nunca saí da favela. Eu continuo favela. Favela tem dignidade também. É preciso olhar para a favela com mais dignidade. Favela não é tudo isso que as pessoas classificam. Eu venho de um mundo totalmente socialista, qual favelado não é socialista? Na favela tudo se divide, feijão etc. na classe média não se divide nem o ar do elevador. A violência não tá só na favela. Tá mais no asfalto, mas como na favela é onde tem o pobre, o mais miserável, a favela paga. A favela paga porque é a favela, cara.

¹⁴ Programa Roda Viva com Elza Soares, exibido em setembro de 2002. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8ko447IATMk>>.

Aos 12 anos, Elza Soares foi obrigada a se casar com Alaúrdes Antônio Soares, de 22 anos. O pai de Elza, Avelino Gomes, acreditava que havia sido estuprada, por isso a obrigou a casar-se. Homem ignorante e violento, Alaúrdes passou a estuprá-la depois de casados. Aos 13 anos, Elza Soares foi mãe. Com Alaúrdes teve cinco filhos, João Carlos, Dilma, Gilson, Gerson e Edmundo. Este morreu de fome. Gerson foi entregue para um casal adotar pois estava extremamente doente e seus pais não tinham condições de tratá-lo. Como não queria continuar apenas como “parideira”, arranhou emprego numa fábrica de sabão, o que não agradou o marido.

Elza sofria vários tipos de agressões em casa, tanto físicas quanto psicológicas, seu marido não queria que ela ganhasse progresso material e cultural, para ele a única função de sua esposa era sexual, realidade de milhares de mulheres no Brasil. Devido à esta mentalidade machista, uma vez Alaúrdes atirou em Elza. “Não acreditava nos sonhos da artista, não desejava que ela evoluísse. Queria que ficasse a seu lado, embora pobre, como tantas no morro. As implicâncias de Camaleão tornaram-se ainda mais sérias a partir do programa de calouros.” (LOUZEIRO, 1997, p. 56)

Em casa, apesar de não ouvir muito as rádios, era rodeada de música através do pai e o irmão, que tocavam violão e o avô, harmônica, e este foi um dos motivos que a fez acreditar que poderia se tornar uma cantora profissional. O pai e Alaúrdes não queriam que Elza Soares se tornasse cantora, pois para eles seria o mesmo que ser prostituta, e essa era uma ideia muito propagada pela cultura extremamente machista da época. Porém, a mãe, Rosária Maria da Conceição Gomes, ajudou-a a enfrentar o patriarcado (LOUZEIRO, 1997).

A ida de Elza ao programa da Rádio Tupi, *Calouros em Desfile*, foi sua tentativa de sair da miséria, apostando então, em suas fantasias: “Teria que dar certo como cantora ou assumiria o papel de mendiga” (LOUZEIRO, 1997). O prêmio do programa estava acumulado em Cr\$5.000 e isso a ajudaria a cuidar de seus filhos, já que seu filho Gerson estava muito doente e, aos 15 anos, teve a infelicidade de ver seu segundo filho, Edmundo, morrer de fome.

A menina entrou no auditório e todos riram de seu traje, ela estava usando roupas de sua mãe, Rosária, que eram o dobro de seu tamanho, pois não tinha roupas adequadas para a ocasião. Dona Rosária pôs inúmeros alfinetes para ajustar a vestimenta da filha. Estes alfinetes se tornaram um amuleto para a cantora, um símbolo, e disse no programa *Domingo Espetacular* (2016) da TV Bandeirantes que este objeto era “para não ficar besta, eu não posso me esquecer jamais da minha trajetória e de onde eu vim”¹⁶. Ary Barroso, apresentador do programa de

¹⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KWHoQh0HsBw>>.

calouros, ao se assustar com Elza, indagou de qual planeta ela viria, no citado momento a menina respondeu “do mesmo planeta que o senhor, o planeta fome!” Então, todas as risadas pararam na mesma hora e o auditório entendeu o que ela queria dizer.

Elza cantou a música *Lama*, de Paulo Marques e Alice Chaves e de acordo com José Louzeiro:

Ela respondeu com a mesma alegria e pôs-se a cantar, botando na voz toda a sua força interior, suas angústias, sonhos e esperanças. Muitos espectadores puseram-se de pé para aplaudi-la. Ary se impressionou com seu dinamismo e potência vocal. Chegou à segunda parte da letra com redobrado vigor. Decidiu, também, exhibir seu lado de atriz, da menina que pedia esmola nas calçadas da Central chorando para conseguir os trocados da passagem. (LOUZEIRO, 1999, p. 47).

Logo após sua apresentação, a jovem cantora tirou a nota 5, que era a máxima, e foi aclamada como a nova estrela da música brasileira, foi a partir desta vitória que Elza começou aos poucos sua carreira de cantora, e o reconhecimento veio após as gravações de seus primeiros compactos.

A rádio naquela época era o eixo principal de produção e circulação da música no Brasil, sendo assim, tinha grande importância na sociedade brasileira, pois era um verdadeiro influenciador de hábitos e costumes. A rádio era tão influente quanto os programas de televisão na década de 90 e início dos anos 2000 no Brasil.

“Com a ‘fama’ recém-adquirida, se tornou *crooner* da Orquestra Garam de Bailes, do maestro Joaquim Naegli. Os músicos não a queriam, porque era negra.” (LOUZEIRO, 1997). Abordarei sobre este e outros casos de racismo sofridos por Elza no segundo capítulo.

O talento de Soares crescia cada vez mais. “A cancha adquirida na orquestra aproximou Elza dos malabarismos vocais. Imitava outros cantores e os próprios instrumentos musicais, além de movimentar-se no palco como nenhuma intérprete da época conseguia fazer”, (LOUZEIRO, 1997). Elza Soares teve sorte quando a cantora Sylvinha Telles a apresentou a Aloysio de Oliveira, diretor da Odeon, gravadora onde teve seus primeiros compactos. Um dos inventores do “movimento” Bossa Nova, Oliveira criou o rótulo “Bossa Negra” para nominar sua música e estilo de cantar.

Elza Soares alcançou o sucesso com seu primeiro compacto *Se Acaso Você Chegasse* de Lupicínio Rodrigues em 1960. Seu segundo disco foi em 1961 intitulado de *A Bossa Negra* e logo após as gravações deste álbum, Elza foi chamada para ser representante do Brasil na Copa do Mundo de 1962 no Chile, onde viajou junto com a seleção de futebol brasileira, sendo possível seu encontro com o Mané Garrincha, com quem teve uma relação de 17 anos

completamente conturbada, o mais opressor para sua carreira, envolvendo questões como violência doméstica e machismo.

No capítulo 2, abordarei novamente o relacionamento de Elza com Garrincha, onde o relacionarei com feminismo e o single *Maria da Vila Matilde (Porque Se a da Penha é Brava Imagine a da Vila Matilde)*, música do álbum *A Mulher do Fim do Mundo*, que aborda o tema violência doméstica, que é um dos pontos principais desta pesquisa, algo que a cantora vivenciou diversas vezes em sua vida.

Garrincha tinha esposa e amantes, um dos motivos da sociedade ter ido contra Elza e Garrincha. “Juntaram-se, ganharam e gastaram muito dinheiro. Mais tarde, decadente fisicamente, jogando em times medíocres, Garrincha chegou a violenta-la. Elza Soares lutou para curá-lo do alcoolismo, mas não conseguiu. Chegou a levá-lo para a Itália. Mas acabaram separados.” (LOUZEIRO, 1997) Sua carreira foi prejudicada, porque foi perseguida por ter “tomado” Garrincha da família e por acharem que ela era a culpada de todas as derrotas do jogador.

Este caso é uma clássica “Síndrome de culpe Yoko Ono”, onde a companheira de algum homem é culpada pelas suas derrotas; a artista Yoko Ono foi um caso muito marcante disso, pois diziam que ela havia feito com que a banda The Beatles acabasse, e:

Ignora-se completamente – ou insiste-se em ignorar – que mesmo antes do fim da banda, os membros dos Beatles já não convergiam em ideais e perspectivas de carreira (...). Na mesma época, não se decidiam sobre um empresário, e tudo isso culminou no fim da banda. É chato? É chato. Acontece? Acontece! E onde é que entra a “desgraçada” da Yoko Ono nessa história? Entra no discurso machista – desculpe, mas vocês vão ter que engolir – que ela é a “causadora” do mal dos Beatles. Assim como Elza Soares foi a “causadora” do alcoolismo de Garrincha. Assim como Eva foi a “causadora” do inferno eterno oferecendo a maçã pro homem (...) É o que chamo de Síndrome do Culpe a Yoko – uma estratégia psicológica para manter a glória dos Beatles intacta, depositando os transtornos e incongruências na mulher; ou para manter a genialidade e malemolência de Garrincha intactas, depositando as fraquezas e vícios na mulher; ou até mesmo para manter a pureza e a fidelidade de Adão intactas, depositando toda falsidade e traição na mulher. Mantenha-o limpo e deposite a podridão na mulher.¹⁷

Depois da Copa de 1962, com Garrincha em decadência, a carreira artística de Elza Soares ficou de lado e passou a viver em função do parceiro; a cantora havia se tornado uma “mãe” para o jogador. No início da década de 70, para fugir das perseguições — sua casa chegou a ser metralhada e ela era zombada e criticada, frequentemente, por radialistas e jornalistas —, por conta disso, Elza Soares e Garrincha foram para a Itália. Mas o esperado contrato com o time de futebol Milan não foi assinado e ele acabou jogando num time amador.

¹⁷ Disponível em <<http://asminanahistoria.com.br/sindrome-do-culpe-a-yoko/>>.

De acordo com Soares: “As coisas foram bem até 1971. Ganhei bastante dinheiro. Estava com um contrato semestral de US\$ 60.000 com o Franco Fontana, um dos maiores empresários italianos. (...) A imprensa me badalava e os italianos gostavam de me ver cantando o samba e mostrando o rebolado da mulata.” (LOUZEIRO, 1997) Porém perdeu o empresário quando a Associação dos Artistas decidiu proibir seus espetáculos. Elza Soares devolveu a Ferrari, casacos de pele e joias. Garrincha não parava de beber e quando Elza Soares disse que não lhe daria mais dinheiro, porque gastava tudo com bebida, ficou violento e a chamou de vagabunda. “A cantora plantou-lhe a mão na cara, ferindo-o com as unhas. Mané rebateu o golpe com um soco, quebrando-lhe alguns dentes.” (LOUZEIRO, 1997)

Elza perdeu 4 de seus 7 filhos; sofreu violência doméstica várias vezes pelo primeiro marido, Alaúrdes, e depois pelo seu companheiro, o jogador de futebol Mané Garrincha; e passou por inúmeros casos de racismo - que analisarei no capítulo 2, mencionando a música *A Carne* de Marcelo Yuka e Seu Jorge, a qual ficou conhecida na voz da cantora, e onde se pode ouvir o célebre trecho “a carne mais barata do mercado é a carne negra”. Ainda assim, continua com uma postura positiva sobre a vida: “a música, mais do que a necessidade de sobreviver, deve ser o verdadeiro antidepressivo desta artista magnífica” (BELÉM, 2013).

Elza Soares ficou conhecida como a grande diva da MPB, mesclando ritmos como jazz, bossa-nova, hip-hop e, principalmente, samba. Ela mesma em suas redes sociais se denomina “diva” para conversar com os fãs, “um selinho da diva” é algo que podemos ver com frequência em sua página do Facebook.

Na biografia de Elza, *Cantando para não enlouquecer* (LOUZEIRO, 1997), muitos críticos comentaram sobre sua relação com a cantora americana Billie Holiday, como Roberto Moura, crítico e musicólogo, e Rildo Hora, músico e produtor cultural. Moura critica os que as aproximam: “É claro que Elza tem uma história de vida muito triste, como Billie, mas seu canto é extremamente alegre. Raramente a vi passando uma carga negativa ou pesada, como Billie.” Elza diz que mesmo com as dificuldades de sua vida ela tenta transmitir alegria através de suas músicas, principalmente nos palcos, onde se mostra uma mulher forte até mesmo com problemas na coluna e sentada em uma cadeira, como a vemos nos shows da turnê do álbum *A Mulher do Fim do Mundo*, algo oposto ao canto melancólico de Holiday.

Rildo Hora também discorda de que Soares tenha a ver com Billie Holiday. “Elza canta a alegria de viver, de existir, por isso faz ginástica, cuida do corpo, bota a cabeça pra cima e se recusa a ser triste.” A diferença principal é que Billie Holiday sucumbiu. Elza sobreviveu a perseguições e a maridos e namorados destrutivos.

Um dos motivos de Elza ter virado um ícone na história da música popular brasileira foi, além de ser importante musicalmente por tornar-se uma das primeiras grandes cantoras negras, o que abriu espaço para outras artistas, também, devido à sua imagem positiva perante às dificuldades da vida: “desde o início de sua carreira, ela se posicionou como uma verdadeira guerreira, que não foge das adversidades, que enfrenta os desafios e segue em frente”.¹⁸

Fatores estes que ajudaram a legitimar a Elza como uma diva da música brasileira, além de sua unicidade, beleza, talento e posicionamentos sobre questões sociais, como podemos ver em muitas entrevistas durante sua carreira, Elza Soares levantando bandeiras para diversas causas como as da população LGBTQ’s, população negra e para as mulheres. Em entrevista para a Revista Forum em 2013, Elza diz ser considerada a rainha dos gays pois:

São minoria como eu e me ajudaram muito. Quando começou a surgir esse negócio da AIDS, existia muito preconceito, e eu dizia para alguns amigos: “Traz a receita que eu mando fazer o remédio e vem para minha casa”. Não vou te citar nomes, mas muitos vieram para minha casa. É minoria, cara, e eu sou minoria. Mas acho que nem somos minoria na verdade.¹⁹

E em 2012, no vlog *2 Chopes* do site Yahoo! Brasil, Elza diz que se vê como uma expressão da voz feminina no Brasil e tem coragem de dizer muita coisa que as pessoas não tem, além de completar que: “eu sempre trabalhei muito com a bandeira gay, estou sempre presente pois eles (a população LGBT’S) sempre me ajudaram muito. Porque eu faço parte da minoria como eles: negra e mulher”.²⁰

Um dos maiores sonhos de Elza era sair da pobreza para conseguir dar uma vida com conforto para sua família. Gradualmente foi conseguindo juntar dinheiro com seus shows para sair da favela. Elza conta em sua biografia que:

Quando jovem era quem descobria em que quartel estavam dando restos de comida, roupas e cobertores para agasalhar os desgraçados. Dia de São Cosme e Damião, pegava sacos de balas e doces, pois a gente vivia no sem eira nem beira, essa a verdade, embora houvesse uns parentes que se envergonhavam da pobreza. Comigo não tinha essa. Assumia, procurando dar a volta por cima, e foi o que terminou acontecendo (...) sair do morro tinha virado obsessão. No dia em que isso acontecesse, comemoraria como sendo a primeira grande vitória. (LOUZEIRO, 1997).

Assim, Elza foi fazendo mais shows, gravando mais álbuns, ganhando um maior prestígio e conseguiu realizar um de seus sonhos, que era sair da favela e, com isso, dar uma

¹⁸ Programa O Som do Vinil, setembro de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8JRxB4Sivxo>>.

¹⁹ FARIA, G; CARVALHO, I. A sobrevivente Elza Soares. *Revista Forum*, 21 de outubro de 2013. Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/2013/10/21/a-sobrevivente-elza-soares/>>.

²⁰ 2 Chopes com Elza Soares. Canal Yahoo! Brasil. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PfN2Mhmm1s>>.

vida mais confortável para sua família. Porém, de acordo com o documentário *O Gingado da Nega*, devido ao machismo que Elza sofreu com sua relação com o jogador de futebol Garrincha, viu-se praticamente miserável de novo, a artista foi culpada pela derrocada de Mané Garrincha, diziam que o mal do jogador era Elza e inúmeras ações foram feitas contra a cantora. Deste modo, os shows foram diminuindo, o dinheiro acabando e Soares quase desistiu de voltar a cantar, pois ela precisava trabalhar de qualquer jeito para sustentar seus filhos, “eu já tive vontade de parar, era tão fácil para outras pessoas e para mim era tudo tão difícil, depois que fui notar que minha carne era negra” (SOARES, 2015).

De acordo com uma entrevista que o cantor Caetano Veloso fez com Elza para a Revista O Globo, Elza com um filho doente e sem dinheiro para bancar o tratamento, na década de 80, bateu à porta do amigo Caetano Veloso avisando-o que pararia de cantar, procuraria um emprego para pagar as contas e “salvar o menino”. Porém, Caetano a impediu que fizesse isso, “era como se o lugar dela estivesse desaparecendo no cenário brasileiro. Mas o Brasil não podia fazer isso com ela. O Brasil não podia fazer isso consigo mesmo”²¹ e, assim, chamou-a para gravação da música *Língua* em seu novo álbum, fazendo com que Elza retornasse para mídia, voltando aos poucos para o mundo da música, com shows, gravações etc.

Podemos perceber que muitas das dificuldades encontradas na vida de Elza foi decorrente do machismo e racismo presente em nossa sociedade. Hoje em dia Elza virou um ícone da música popular brasileira, superou muitas destas barreiras e mora em um apartamento na praia de Copacabana, bairro nobre da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, e obtém uma série de privilégios por conta de sua fama (COELHO, 1999). Coelho afirma que os famosos se aproximam daqueles que DaMatta (1979) chama de “medalhões” (ou vips) e que possuem certa influência que lhes concede o recebimento de um tratamento diferenciado nas mais diversas situações, porém, ainda assim, Elza Soares continua existindo como um corpo subalterno, visto que “o cultural pode assinalar a percepção de dimensões inéditas do conflito social, a formação de novos sujeitos – regionais, religiosos, sexuais, geracionais – e formas de rebeldia e resistência” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 297) e, além das questões de gênero e raça, agora ela é uma mulher negra de 80 anos, sendo um corpo então extremamente político, principalmente por falar abertamente sobre assuntos como sexo e isto ser tabu, especialmente por sua idade.

²¹ RIBEIRO, C. Caetano Veloso entrevista Elza Soares. *O Globo*, 13 de março de 2016. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/caetano-veloso-entrevista-elza-soares-18848563>>.

Elza Soares foi eleita em 1999, pela rádio BBC de Londres, como a melhor cantora do milênio²². Ao receber a notícia do prêmio indagou-se se sabiam que a escolhida como cantora do milênio era negra e ficou extremamente contente com o prêmio, algo que afirmou sua importância para a música brasileira e mundial. No ano de 2016, Elza recebeu o Troféu Raça Negra, que premia personalidades que lutam a favor da comunidade negra e em entrevista para a Folha de S. Paulo a cantora afirmou:

É uma grande emoção receber o Troféu Raça Negra. Já recebi o prêmio de “voz do milênio” pela BBC e isso já havia sido bastante importante. O Troféu Raça Negra tem outro significado, principalmente dentro de mim. Essa luta sempre foi muito forte na minha vida. Eu lutei para viver e para sobreviver. E hoje estou aqui recebendo essa homenagem. Hoje, a luta vai além. São os negros, as mulheres, os gays e tantos grupos que precisam ser representados. Eu me sinto honrada!²³

1.2. O ÁLBUM

Para analisar o álbum *A Mulher do Fim do Mundo* me basearei em estudos sobre cultura e música pop, partindo da perspectiva de estudos culturais e sociologia da música, tendo em vista que o álbum é um produto importante do mundo pop e que o objeto em si analisado é repleto de significados e importância para muitas pessoas e, também, reportagens, entrevistas e críticas sobre o álbum.

Em muitas reportagens, podemos ver que Elza Soares se identifica como a mulher do fim do mundo, para ela:

Dizem que essa mulher do fim do mundo sou eu, é uma mulher guerreira, que vence os problemas, então teria que ser a mulher do fim do mundo. Porque o homem destrói. E nós mulheres estamos lutando para que o mundo seja melhor.²⁴

E:

Mais que a mulher do fim do mundo, sou a mulher do fim da violência contra as mulheres, do fim da segregação racial velada, do fim da homofobia, do fim da censura enrustida. Do início de um país livre da corrupção. Da luta pela democracia.²⁵

De acordo com Guilherme Kastrup, produtor musical e baterista do álbum, no encarte do disco:

²² Programa Provoações. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=butsKqZ60z8>>.

²³ FOLHA DE S. PAULO. Programação do Dia da Consciência Negra tem homenagem a Elza Soares. *Folha de S. Paulo*, 16 de novembro de 2016. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/11/1832686-programacao-do-dia-da-consciencia-negra-tem-homenagem-a-elza-soares.shtml>>.

²⁴ #NaLata com Elza Soares. Canal *Na Lata com Antonia Fontenelle*, 7 de março de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NtGSNKwykIw>>.

²⁵ Campanha Elza Soares: DVD *A Mulher no Fim do Mundo*. *Kickante*. Disponível em <<https://www.kickante.com.br/campanhas/elza-soares-vem-pro-maior-show-que-ja-fiz>>.

A mulher do fim do mundo é a mulher que não tem medo de enfrentar a vida. Ela se diz ser a mulher do fim do mundo. Elza Soares é uma artista corajosa e acima de tudo não tem medo de nada, nada é moderno demais para ela, nenhuma dissonância a assusta, nenhuma distorção a intimida, com sua fome de novo se transforma sempre, nasce e renasce mais uma vez como a fênix que tem tatuada em seu tornozelo.²⁶

Um álbum vira histórico, clássico ou importante para a história da música por vários motivos, seja pela sua inovação musical, estética, letras, relevância em certo contexto político sociocultural, entre outros. Dizem que este álbum já nasceu histórico exatamente por estar dentro de todos esses tópicos e, talvez, principalmente por todo seu teor político, Kastrup diz que Elza queria um álbum para as mulheres, gays, negros, “queria um CD que tivesse um grito para as minorias, queria que fosse potente” (SOARES, 2015). Porém, é a junção disso tudo que faz *A Mulher do Fim do Mundo* ser o que é, pois, de pouco adiantaria se as letras fossem fortes, mas as melodias e batidas clichês e fracas, sem entrar na questão das disputas de gosto musical (SIMON FRITH, 1996), fazendo com que poucas pessoas o escutassem. Talvez, seja exatamente por este fato que *A Mulher do Fim do Mundo* está sendo tão prestigiado no mundo inteiro. Segundo o jornalista Luis Fernando Viana da Folha de São Paulo, *A Mulher do Fim do Mundo* já nasceu como um disco clássico e histórico. Elza concorda pelo fato dos acordes e letras serem fortes²⁷.

O álbum musical deve ser entendido como um instrumento de comunicação entre o artista e o público, uma vez que ele media a obra com o ato de escuta. O que se convenceu chamar de álbum é entendido a partir de três categorias-chaves (STRAW, 2012):

- a) Protocolo de escuta do álbum: sensação de coerência entre as faixas de um álbum, dá conta dos conceitos, das propostas estéticas e sonoras;
- b) Protocolo de escuta do suporte: como as faixas são organizadas de acordo com o suporte musical, criando um tipo de escuta idealizada segundo o suporte;
- c) Informações paratextuais: elementos não musicais que acompanham a música, como capas, encartes, textos, etc.

De acordo com estudos sobre álbum conceito e de toda a organização que o álbum estudado se dá, parto da premissa de que *A Mulher do Fim do Mundo* é conceitual, tendo como Elza Soares narradora do “fim do mundo”. Para Lucas Waltenberg, esse formato de álbum conceitual:

²⁶ Programa O Som do Vinil, setembro de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8JRxB4Sivxo&t=2s>>.

²⁷ VIANA, L.F. Elza Soares renasce das cinzas com seu já histórico novo disco. *Folha de S. Paulo*. 3 de outubro de 2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1689464-elza-soares-renasce-das-cinzas-com-seu-ja-historico-novo-disco.shtml>>.

Reflete estratégias de agregação de valor e de legitimação cultural, a partir do que é entendido e classificado como “música entretenimento” e “música séria”. Percebemos também que o álbum conceitual é articulado em três eixos: a ideia de uma história amarrando as canções para contextualizar a obra, a sua construção sonora e os aspectos materiais da música. (2013, p. 03)

Existe um fio condutor que amarra as canções de *A Mulher do Fim do Mundo*, de acordo com o jornalista Luis Fernando Viana:

É o prólogo de um passeio pelos círculos do inferno de hoje (...). No CD, a favela (ou “as quebradas”) é o cenário do fim do mundo e o lugar de onde ele pode ser reconstruído, pois ali se dão as maiores violências contra o ser humano. A reação ante a destruição sistemática é a chance de um renascer das cinzas, como Elza fez por toda a vida. (...) O disco é sobre um tempo sem delicadeza. (...)

Para Shuker (1999), álbuns conceituais são “unificados por um tema que pode ser instrumental, compositivo, narrativo ou lírico. Deixam de ser uma coleção de canções heterogêneas para tornarem-se obras narrativas, com uma sequência de canções individuais em torno de um tema único”. Ou seja, em *A Mulher do Fim do Mundo*, as letras abordam assuntos atuais, questões sociais que nos cercam; estes temas seriam o “fim do mundo”. As músicas estão conectadas por esta ideia de “apocalipse”, em que é registrado pela cantora, a qual também viveu e sofreu em sua trajetória de vida, mesclando realidade com ficção, como se tudo que ela cantasse no álbum fosse escrito a partir de sua vida, dando então, um poder ainda maior à voz de Elza.

Abordarei mais abaixo algumas das letras do álbum. *A Mulher do Fim do Mundo* possui um fio condutor na narrativa que vai da desintegração do ser humano ao cansaço, persistência, angústia, morte e, por fim, levando ao renascimento. “Elza ressurge. E vem o longo silêncio do fim de tudo. Mas no fundo, ainda se ouve a voz de Elza. Ela insiste. Um recado para nós” (VIANA, 2015).

Este álbum está dentro das lógicas de criação, circulação e fruição da indústria fonográfica e seria considerado como um disco pop, apesar de seus gêneros musicais serem diferentes ao pop, pois toda sua circulação na mídia e presença de músicas em trilhas sonoras, como exemplo à série *3%* da Netflix, que tem a música *Mulher do Fim do Mundo* como trilha sonora, faz com que ele seja um produto cultural do mundo pop. Não é por ser algum produto da cultura pop que algo deixa de ter importância e críticas acerca do mundo em que vivemos, assim como disse Pereira de Sá:

O termo “cultura pop” porta uma ambiguidade fundamental. Por um lado, sublinha aspectos tais como volatilidade, transitoriedade e “contaminação” dos produtos culturais pela lógica efêmera do mercado e do consumo massivo e espetacularizado;

por outro, traduz a estrutura de sentimentos da modernidade, exercendo profunda influência no(s) modo(s) como as pessoas experimentam o mundo ao seu redor. (PEREIRA DE SÁ et al, 2015).

Este é provavelmente um dos discos do Brasil melhor criticado desde outubro de 2015, quando foi seu lançamento, seja pelo cunho social em suas letras como, também, a sonoridade vibrante e urbana nas melodias. O resultado disso são inúmeras indicações à prêmios, listas de melhores do ano, reportagens em diversos jornais e outros meios de comunicação e, também, uma agenda de shows extensa com turnês até mesmo em vários países da Europa, sendo aclamada em muitos deles.

O projeto do álbum foi viabilizado com recursos financeiros através do Edital São Paulo 2014 do Natura Musical²⁸, o qual incluiu a gravação do disco e shows de lançamento. O Natura Musical consiste em um programa de apoio e difusão da música brasileira, patrocinando diversas iniciativas através de editais. De acordo com o site do Natura Musical, este programa já apoiou quase 200 projetos culturais desde 2005 em todas as regiões do Brasil e, desde 2012, ampliou ainda mais o seu alcance ao oferecer 5 editais de seleção de projetos para patrocínio, sendo 2 nacionais com uso da Lei Rouanet e 3 regionais – em Minas Gerais, Bahia e Pará – com uso de leis estaduais de incentivo à cultura.

A Mulher do Fim do Mundo foi lançado em 03 de outubro de 2015 pelo selo Circus e é o trigésimo quarto disco da carreira de Elza Soares, a qual já ultrapassa a marca de 6 décadas, sendo o seu primeiro álbum composto somente por canções inéditas, criadas especialmente para este projeto e inspiradas na trajetória de vida da cantora.

Este álbum foi idealizado e montado pelo produtor e baterista Guilherme Kastrup, com o núcleo criativo formado por Kiko Dinucci (guitarra), Marcelo Cabral (baixo), Rodrigo Campos (guitarra), Felipe Roseno (percussão), Celso Sim (direção artística) e Rômulo Froés (direção artística) – nomes conhecidos da cena musical paulista. Inicialmente a estética do álbum circularia em torno da tradição do samba, incluindo, além do repertório inédito, sambas clássicos rearranjados pelo grupo, porém, Elza preferiu inovar e resolveu fazer um álbum, de acordo com ela, para as mulheres, negros e toda a população LGBT.

O disco é composto por 11 faixas, as quais foram escritas tanto por integrantes da banda quanto de outros compositores, as quais mesclam diversos gêneros musicais como samba, rock, rap e eletrônico e, todas, escolhidas pela cantora, depois de analisar aproximadamente 50 músicas feitas para o projeto.

²⁸ Disponível em <<http://www.natura.com.br/naturamusical>>.

A música tem variadas funções, além da questão do entretenimento, muitas delas servem para alertar sobre questões sociais específicas que vivemos, sendo um reflexo da sociedade, portanto, é uma forma de protesto. Em *A Mulher do Fim do Mundo* podemos perceber que Elza aborda assuntos de grande importância e crítica social como: negritude em *Mulher do Fim do Mundo*; violência doméstica em *Maria da Vila Matilde*; vida violenta e sofrida dos menos favorecidos na grande metrópole em *Luz Vermelha*; a questão da marginalidade presente na vida de muitas travestis que, com a falta de oportunidades acabam se envolvendo com prostituição e drogas em *Benedita*; sexo em *Pra Fuder*; morte em *Dança*, em que a narradora está morta, porém, insiste em dançar, fazendo uma alusão à própria Elza que “não desiste nunca”, entre outras músicas. Estes temas possuem uma importância fundamental para o cenário político sociocultural que estamos vivendo no Brasil atualmente, pois aborda questões que estão trazendo representatividade para muitas pessoas, além de todo o discurso social que Elza dá através de suas redes sociais e entrevistas.

De acordo com a campanha que Elza fez na plataforma Kickante²⁹ para arrecadar dinheiro para a gravação de seu DVD em uma comunidade em Santo André – SP, Elza sempre gostou de inovar, sua carreira sempre foi pautada pela ousadia, seja pela maneira de cantar, pela atitude no palco ou por suas escolhas artísticas, e não seria diferente na sonoridade de *A Mulher do Fim do Mundo*, ao se unir à vanguarda musical paulistana é possível encontrarmos ruídos, distorções e dissonâncias. Uma sonoridade completamente diferente com seus trabalhos passados.

1.2.1. FICHA TÉCNICA E FAIXAS

Anexo a ficha técnica e as faixas do álbum³⁰ com seus respectivos compositores neste subcapítulo pois será de grande importância para analisarmos questões que abordarei no capítulo 2, relacionando com feminismo/machismo e no 3, com a discussão acerca do álbum ser ou não “verdadeiramente feminista”, visto que ao analisarmos a quantidade de mulheres e pessoas negras presentes neste álbum, temos a infelicidade de nos depararmos com poucos. Ao tentar analisar quantas pessoas negras compõe o álbum tive dificuldade pois não consegui ter certeza, assim como tive ao procurar mulheres, já que na maioria das vezes, aqui no Brasil, não podemos descobrir se uma pessoa é homem ou mulher apenas pelo nome. Porém, através dos

²⁹ Disponível em <<https://www.kickante.com.br/campanhas/elza-soares-vem-pro-maior-show-que-ja-fiz>>.

³⁰ Disponível em <<http://www.circusproducoes.com.br/lojacircus/produto/lp-a-mulher-do-fim-do-mundo-elza-soares/>>.

nomes nas fichas técnicas, fotos e vídeos mostrando as pessoas envolvidas no álbum, concluí que a grande maioria das pessoas envolvidas no álbum são homens brancos.

Os músicos do álbum *A Mulher do Fim do Mundo* são: Kiko Dinucci, Rodrigo Campos, Marcelo Cabral, Felipe Roseno, Guilherme Kastrup, Thiago França, Cuca Ferreira, Edy Trombone, Daniel Nogueira, Douglas Antunes, Daniel Gralha, DJ Marco, Thomas Rohrer, Sidmar Vieira, Aramis Rocha, Robson Rocha, Edmur Mello, Deni Rocha., com participações especiais de: Celso Sim e Romulo Fróes.

Ficha técnica: Produzido por Guilherme Kastrup; Direção Artística: Romulo Fróes e Celso Sim; Produção Executiva: Ernst von Bönninghausen (RE Productions); Gravado no Red Bull Studios São Paulo – SP – por Rodrigo “Funai” Costa e assistente Marcelo Guerreiro; Gravações adicionais no estúdio Toca do Tatu – SP – por Guilherme Kastrup; Gravações de vozes adicionais – Estúdio Ciatic – RJ – por Anderson Trindade Barros e assistente Arthur Luna Beccaris; Mixado por Victor Rice no Estúdio Copam – SP; Masterizado por Felipe Tichauer no estúdio Red Traxx Mastering – Miami – USA; Fotos: Alexandre Eça.

Faixas e seus compositores: 1. *Coração do Mar* – Poema de Oswald de Andrade musicado por José Miguel Wisnik, 2. *Mulher do Fim do Mundo* – Romulo Fróes e Alice Coutinho, 3. *Maria da Vila Matilde (Porque Se a da Penha é Brava Imagine a da Vila Matilde)* – Douglas Germano, 4. *Luz Vermelha* – Kiko Dinucci e Clima, 5. *Pra Fuder* – Kiko Dinucci, 6. *Benedita* – Celso Sim, Joana Barossi e Fernanda Diamant, 7. *Firmeza?!* – Rodrigo Campos, 8. *Dança* – Cacá Machado e Romulo Fróes, 9. *O Canal* – Rodrigo Campos, 10. *Solto* – Marcel Cabral e Clima, 11. *Comigo* – Romulo Fróes e Alberto Tassinari.

1.2.2. PREMIAÇÕES

Ganhar ou ser indicado à algum prêmio faz com que um álbum musical ganhe certa legitimidade e prestígio, assim como ser colocado em listas de sites e jornais como melhor álbum. A crítica musical legitima a importância de certos produtos culturais para a história da música e isto faz parte das instâncias de consagração da indústria cultural.

De acordo com Garson, “o ato de nomeação é o que dá corpo a uma realidade, que faz ela existir e ser reconhecida em suas feições particulares” (2010, p. 02).

A classe (ou o povo, ou a nação, ou qualquer outra realidade social de outro modo inapreensível) existe se existirem pessoas que possam dizer que elas são a classe, pelo simples fato de falarem publicamente, oficialmente, no lugar dela, e de serem reconhecidas como legitimadas para fazê-lo por pessoas que, desse modo, se reconhecem como membros da classe, do povo, da nação ou de qualquer outra

realidade social que uma construção do mundo realista possa inventar e impor. (BOURDIEU, 1990, p.168)

E é a partir destas classificações que o álbum *A Mulher do Fim do Mundo* está se consagrando e, conseqüentemente, tendo um positivo retorno financeiro.

Dentro do mundo musical o *Grammy Awards* é considerado um dos prêmios de maior importância para a indústria fonográfica. Em 2016, Elza Soares concorreu em duas categorias do *Grammy Latino*, sendo elas: Melhor Álbum de Música Popular Brasileira”, com *A Mulher do Fim do Mundo*, e Melhor Canção em Língua Portuguesa”, com *Maria da Vila Matilde*, de Douglas Germano, um dos singles³¹ do álbum de Elza. Conquistando então, o prêmio de Melhor Álbum. Em entrevista para a RedBull sobre a vitória, Elza diz que com isso “é como se todo o discurso do disco, que é tão importante, fosse premiado. É uma alegria”.

Além do conquistado *Grammy Latino*, o álbum também ganhou e foi indicado para outros prêmios e listas como: Associação Paulista de Críticos de Arte³², Rolling Stone Brasil³³, Prêmio da Música Brasileira e Notas Musicais, vencendo na categoria Melhor Álbum, e em terceiro lugar na respectiva categoria pelo G1³⁴; vencendo a categoria Melhor Música com *Maria da Vila Matilde* e em décimo sexto lugar com *Luz Vermelha* pela revista Rolling Stone Brasil; como Melhor Show Nacional pelos jornais Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo e, também, sendo indicada às categorias Melhor Música com *Mulher do Fim do Mundo* e Melhor Cantora pelo Prêmio da Música Brasileira, além de muitas outras listas de jornais e sites de críticas de música, como por exemplo, o jornal americano New York Times³⁵, que listou o álbum como um dos melhores do ano, junto à grandes artistas como Beyoncé e David Bowie. Elza disse em suas redes sociais sobre a lista do NYT “É meu primeiro disco de inéditas. Esse prêmio acaba sendo um reconhecimento do trabalho de muita gente também”.

³¹ “Os singles tornaram-se uma das bases de sustentação da música pop; eles facilitaram o consumo e organizaram um tipo de execução característica da música jovem.” (JANOTTI, Jeder. FILHO, João. 2006. p. 17)

³² FRANZOL, S. A mulher do fim do mundo. *Jornal de Piracicaba*, 17 de março de 2016. Disponível em <http://www.jornaldepiracicaba.com.br/cultura/2016/03/a_mulher_do_fim_do_mundo>.

³³ Melhores álbuns nacionais de 2015. Rolling Stone Brasil. Disponível em <<http://rollingstone.uol.com.br/galeria/os-melhores-albuns-de-2015/#imagem1>>.

³⁴ CAMARGO, Z. Os melhores discos que você ouviu em 2015. *G1*, 07 de dezembro de 2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/zeca-camargo/post/os-melhores-albuns-que-voce-nao-ouviu-em-2015.html>>.

³⁵ REDAÇÃO. Disco de Elza Soares é eleito um dos melhores do ano pelo ‘NYT’. *Veja*, 08 de dezembro de 2016. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/disco-de-elza-soares-e-eleito-um-dos-melhores-do-ano-pelo-nyt/>>.

Com tudo isso, Elza teve sua imagem amplamente divulgada nas mídias massivas, o que fez com que seus shows aumentassem, no que gerou até uma turnê mundial³⁶ com shows em países como os Estados Unidos, Espanha, Portugal, Dinamarca, entre outros.

1.3. ELZA NAS REDES SOCIAIS E MÍDIA

Neste tópico falarei brevemente sobre uma pequena análise que fiz através das redes sociais, com foco na página de Facebook, de Elza Soares a partir de outubro de 2013, 2 anos antes do lançamento de *A Mulher do Fim do Mundo*. A artista vem se utilizando de suas redes sociais como um local para dar ênfase na construção de sua imagem de mulher “feminista”/“lutadora” a partir do *mass media* – ou seja, a performance não é presencial e a artista está “encenando” uma identidade (ZUMTHOR, 1997). De acordo com Zumthor, a performance é uma participação ativa tanto do produtor da obra quanto do público leitor/ouvinte/(tel)espectador, neste caso de Elza nas redes sociais seria com os internautas, onde é possível ver muitas vezes um diálogo com os fãs e *likes* da página da cantora à vários comentários.

Inicialmente pude perceber que, com o passar dos anos e, principalmente, após o lançamento de *A Mulher do Fim do Mundo*, a página do Facebook de Elza ganhou inúmeras curtidas, passando então de 100 mil *likes* a aproximadamente 250 mil até o início de 2017. Isso é o resultado de um trabalho musical que atraiu o público, principalmente jovens que até mesmo não conheciam os trabalhos anteriores da cantora e que vem tendo uma boa crítica musical, como vimos no subcapítulo acima, com uma estratégia pautada em suas redes sociais, ou seja, página com postagens frequentes sobre temas diversos, como violência doméstica, racismo e outras questões sociais, pontos centrais de seu último álbum e que estão em voga na sociedade, fazendo assim, com que entre em um maior contato com seus fãs.

Como por exemplo as postagens das figuras 1 e 2, onde Elza fala sobre assuntos como homofobia e machismo, respectivamente, os quais se posiciona contra:

³⁶ ALEX, T. Maravilhosa: Elza Soares anuncia disco de remixes e turnê mundial. *Tenho mais discos que amigos*, 05 de maio de 2017. Disponível em <<http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2017/05/05/maravilhosa-elza-soares-remix-turne-mundial/>>.

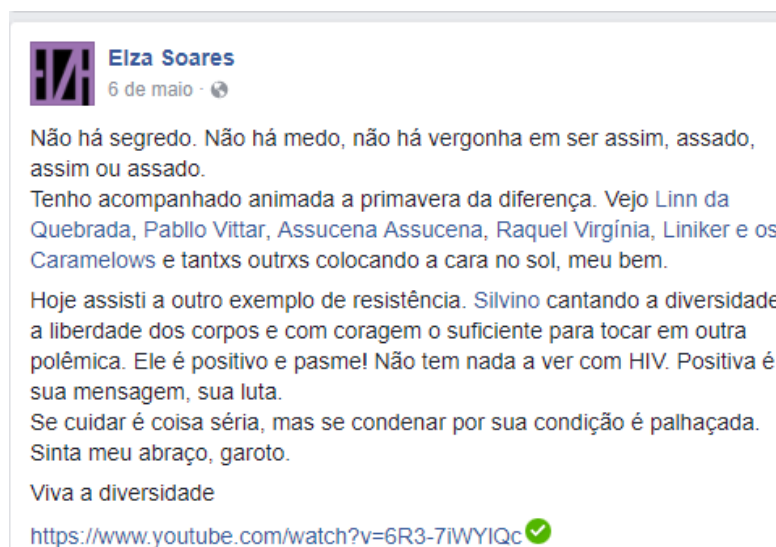


Figura. 1³⁷ – Postagem de Elza em seu Facebook com apoio à artistas LGBTQ's

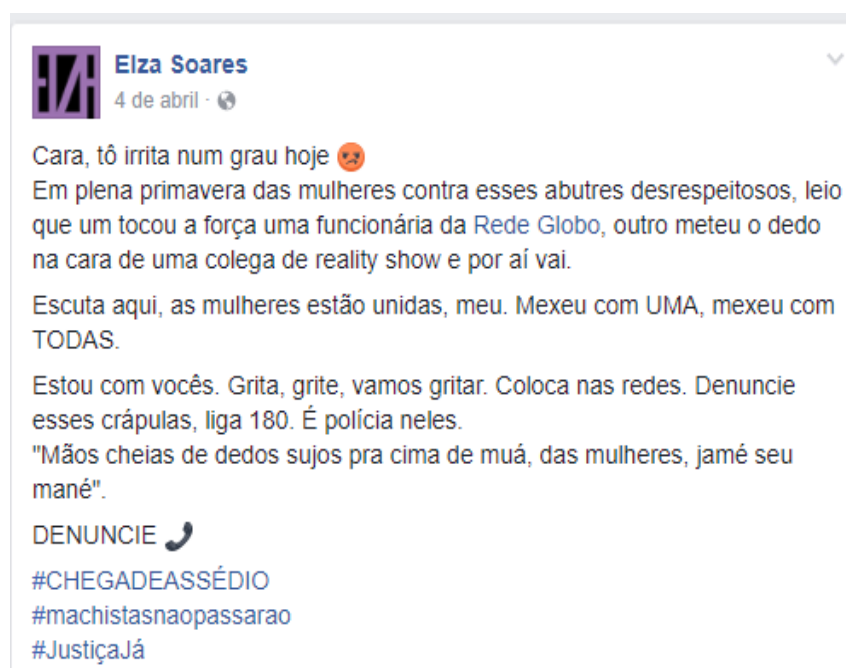


Figura. 2³⁸ – Postagem de Elza em seu Facebook sobre machismo e assédio

Elza faz uma “performance de si” nas redes sociais – havendo indistinção entre real e ficcional, pois não sabemos se é realmente a cantora quem está digitando através de suas páginas, porém isso não importa, já que é a imagem de Elza que está passando as mensagens, essas performances midiaticizadas são uma “ausência-presença”, já que nem a voz nem o corpo

³⁷ Disponível em <<https://www.facebook.com/elzasoaresoficial/posts/1538040779601076>>.

³⁸ Disponível em

<www.facebook.com/elzasoaresoficial/photos/a.328827217189111.74437.294115957326904/1508164075922080/?type=3>.

da artista estão lá: “performance designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente”. (ZUMTHOR, 2002).

Antes do lançamento de *A Mulher do Fim do Mundo*, Elza estava fora dos holofotes e aparecia pouco na mídia, em seu Facebook haviam poucas postagens, não observei nenhuma ou pouca resposta à comentários de fãs e foi possível observar o uso frequente de uma *hashtag* “#produçãoelzasoares”, algo completamente distante dos fãs. Via-se já postagens falando sobre questões como racismo e igualdade de gênero, apesar de serem poucas e, muitas vezes, com notícias repetidas, a maioria das postagens eram referentes à preços e datas de shows. Como podemos ver na figura 3:



Figura 3³⁹ - Postagem de Elza em seu Facebook de 2013, antes do lançamento de *A Mulher do Fim do Mundo*

As postagens nas redes sociais de Elza começaram a aumentar poucos meses antes do lançamento do álbum, o que foi consequência direta disso, visto que virou um produto cultural de grande importância para a música popular brasileira e de discussões relevantes para o atual cenário político e sociocultural do Brasil, devido também às estratégias de marketing. A frieza da *hashtag* antes utilizada pela produção da cantora se transformou em frases carinhosas de

³⁹ Disponível em <www.facebook.com/elzasoaresoficial/posts/602182543186909>.

despedida, que faz com que Elza se aproxime dos fãs, como “selinho da diva”, como podemos ver na figura 4:



Figura. 4⁴⁰ - Postagem de Elza em seu Facebook com despedida carinhosa aos fãs

Assim como no Facebook, em sua página no site de vídeos Youtube⁴¹, a cantora postou uma série de vídeos para promover o álbum novo. Esses vídeos consistem em respostas que Elza dá a perguntas que outros artistas e personalidades famosas fazem a ela, como exemplo, as cantoras Liniker, Karol Conká, Karina Buhr, o rapper Emicida, o ator Gregório Duvivier, o deputado federal Jean Willys, entre outros. E a semelhança que todas estas personalidades possui é que costumam debater igualdade de gênero, racismo, homofobia e outras questões sociais, assim como Elza vem feito com seu novo álbum, então as escolhas destas

⁴⁰ Disponível em

<<https://www.facebook.com/elzasoaresoficial/photos/a.328827217189111.74437.294115957326904/1494646090607212/?type=3>>.

⁴¹ Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCKdvIFcpBqKYQuoNfDndO4w/videos>>.

personalidades foi algo ao mesmo tempo político, pois reforça o posicionamento do álbum, assim como marketing, pois foi uma maneira de escolher um público específico para o álbum.

Sendo assim, através de suas redes sociais, Elza Soares reafirma seu posicionamento sobre inúmeras questões sociais como apoio às pautas LGBTQ's, feminismo e movimento negro, algo que sempre deixou claro em toda sua trajetória e, também, se aproxima muito mais do público, algo que não víamos antes do lançamento de *A Mulher do Fim do Mundo*. Como falado anteriormente, podemos ver estes pontos como “jogadas de marketing” e ao mesmo tempo, “jogadas políticas”, assim como quando Elza se posicionou ao ser indagada por um fã para “não falar sobre política em seus shows”, na figura 5 abaixo podemos ver as respostas dadas por Elza em sua conta no Twitter:



Figura 5⁴² - Tweets de Elza sobre falar de política em seus shows

⁴² JUSTO, G. Pediram pra Elza Soares não falar sobre política em seu show – e a resposta foi maravilhosa!. *Papel Pop*, 24 de maio de 2017. Disponível em <<http://www.papelpop.com/2017/05/pediram-pra-elza-soares-nao-falar-sobre-politica-em-seu-show-e-resposta-foi-maravilhosa/>>.

CAPÍTULO 2

“A CARNE”: SOBRE QUESTÕES DE RAÇA E GÊNERO.

“A carne mais barata do mercado é a carne negra!”

A Carne (Seu Jorge e Marcelo Yuka)

Uma vez que o objetivo desta análise é entender os discursos sociais da cantora Elza Soares e vários embates que estão ocorrendo acerca do álbum *A Mulher do Fim do Mundo*, é de extrema importância que, além de entender a trajetória de Elza vista no capítulo 1 desta monografia, definamos o que é o feminismo, analisado, principalmente, por escritoras negras, pois as mulheres negras vivenciaram e vivenciam o feminismo de forma diferente às mulheres brancas, em que muitas vezes negaram direitos às mulheres negras e, conseqüentemente falarmos sobre racismo.

Sendo assim, para dar conta das especificidades deste capítulo é necessário falarmos sobre raça, gênero e classe. Não é possível falar de um sem falar de outro, visto que, no Brasil, assim como em variados países, pobreza e violência doméstica têm cor e gênero. Ou seja, a mulher negra sofre vários tipos de opressões, em especial as de gênero e raça, produzindo um ambiente de exclusão, ficando na base da “pirâmide social” com os piores indicadores socioeconômicos.

Para Angela Davis:

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.⁴³

Portanto, terei como base principal deste capítulo o livro *Mulher, Raça e Classe* (1981) de Angela Davis, talvez um dos livros mais importantes para o feminismo negro, pois trata de assuntos como escravidão, racismo, desigualdade social, violência, direito das mulheres, trabalho doméstico etc e mesmo sendo sobre a realidade de outro país (EUA), podemos encontrar inúmeras semelhanças com o Brasil, visto que são dois países que tiveram a base de sua economia e cultura calcadas na escravidão, aboliram-na com 25 anos de diferença apenas, sendo o primeiro nos EUA em 1863 e 1888 no Brasil e, em ambos países não houve nenhuma política de reparação para a população negra.

⁴³ Disponível em <<http://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>>.

Além de Angela Davis, no decorrer deste capítulo também me utilizarei de outras escritoras negras como a escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie, as escritoras norte-americanas Audre Lorde e Bell Hooks e as brasileiras Jurema Werneck e Sueli Carneiro, entre outras, além de recorrer ao site Geledés – Instituto da Mulher Negra.

Antes de tudo, falarei sinteticamente sobre “o legado da escravidão” para entendermos um pouco questões que assolam a população negra, mostrando através de sensos, presentes no livro *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil* (2011) de Sueli Carneiro, o quão gritante é a amplitude da desigualdade racial no Brasil.

Consequente resumirei o que é o feminismo de uma forma ampla e depois me aprofundarei em questões centrais ao feminismo negro através de leituras de escritoras, em sua maioria, feministas negras.

Logo após, analisarei duas músicas de Elza, *Maria da Vila Matilde (Porque se a da Penha é brava imagine a da Vila Matilde)*, do álbum *A Mulher do Fim do Mundo*, composta por Douglas Germano, que aborda um tema de extrema urgência no Brasil: violência doméstica, em que Elza, em seus shows, brada à plenos pulmões para que as mulheres denunciem as violências ligando para o número de telefone 180; e também, a música *A Carne*, onde é abordado o racismo que está presente nos dias de hoje, composta por Seu Jorge e Marcelo Yuka, presente no álbum de Elza *Do Coccix Até o Pescoço*, lançado em 2002, que também teve grande relevância na música brasileira.

Finalizo então, este capítulo, com uma indagação que levantei ao ver o vídeo *Vamos Fazer um Escândalo*⁴⁴ publicado em 2015 pela youtuber Jout Jout em seu canal, onde ela diz para as mulheres fazerem escândalos contra os assédios sexuais, em resposta a este vídeo muitas feministas negras falaram “não é bem assim”, devido ao fato de que muitas mulheres, principalmente as negras, não têm o privilégio de poder denunciar qualquer abuso. Assim, relacionarei com as falas de Elza, mulher negra que sofreu inúmeros casos de violência e que, por outro lado, diz assim como a youtuber Jout Jout para todas as mulheres denunciarem. Até que ponto isso é positivo ou problemático?

2.1. “O legado da escravidão”

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão e, assim como os Estados Unidos da América, sofre as consequências da escravidão até hoje, visto que em nenhum dos países houve políticas de inserção e reparação, ou seja, nenhuma medida social que beneficiassem política,

⁴⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0Maw7ibFhls>>.

econômica e socialmente os recém libertados da escravidão. Conseqüentemente, com a falta dessas políticas, a população negra se marginalizou para as periferias do país e desde os tempos de escravidão vive em extrema desigualdade social, sofrem com o racismo, desemprego, situações precárias dos subempregos e, assim, estão mais sujeitos aos variados tipos de violência, como violência policial, onde os jovens negros estão mais propícios e, violência doméstica, sexual e questões relacionadas à saúde, como por exemplo, mortes através de abortos ilegais, em que as mulheres negras são as principais vítimas (estas violências sofridas pela mulher negra retomarei no subcapítulo Feminismo Negro).

Algo que foi muito forte para o aumento do racismo foi o determinismo biológico e segundo livro *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil* (2011) de Sueli Carneiro:

Uma das heranças da escravidão foi o racismo científico do século XIX, que dotou de suposta cientificidade a divisão da humanidade em raças e estabeleceu hierarquia entre elas, conferindo-lhes estatuto de superioridade ou inferioridade naturais. Dessas ideias decorreram e se reproduzem as conhecidas desigualdades sociais que vêm sendo amplamente divulgadas nos últimos anos no Brasil.

Um dos principais meios da violência à população negra é a famosa “Guerra às Drogas” que consiste em um termo comumente aplicado a uma campanha, liderada pelos Estados Unidos da América, de proibição de drogas, que tem como intuito a definição e redução do comércio ilegal de drogas (FRAGA, 2007), porém, o que vemos realmente, tanto nos EUA como no Brasil, é o extermínio da juventude negra e o grande aumento da população carcerária, sendo que em sua maioria é de jovens negros. A guerra às drogas legitima a violência e as violações aos direitos humanos contra os pobres, principalmente negros.

De acordo com dados do Ministério da Saúde ⁴⁵, o perfil da maioria dos presos no Brasil, é de jovens entre 18 e 34 anos, pobres, negros e com baixa escolaridade; são 73,83% do total da população carcerária. Mais da metade 66%, não chegaram a concluir o ensino fundamental, e muitos são analfabetos funcionais, sem qualificação ou especialização para ingressar no mercado formal de trabalho.

Assim como é falado na música *Capítulo 4, Versículo 3*⁴⁶ do grupo paulistano de rap Racionais MC’S:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros. A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente. (RACIONAIS MC’S, 1997)

⁴⁵ ABRAHÃO, R. Prisões: ressocialização ou vingança?. *Portal Vermelho*, 24 de julho de 2013. Disponível em <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=5376&id_coluna=32>.

⁴⁶ Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/66643/>>.

Através de dados demográficos, podemos perceber que a população negra no Brasil, em sua grande maioria, vive em situações de grande desigualdade social. Os dados disponíveis tornam possível observar na prática a afirmação de Stuart Hall (apud McRobbie, 2005, p. 44) de que “raça é o modo como a classe é vivida”. De acordo com Carneiro (2011), para a jornalista Flávia Oliveira:

A desigualdade racial no Brasil é tão intensa que, se o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país levasse em conta apenas os dados da população branca, o país ocuparia a 48 posição, a mesma da Costa Rica, no ranking de 174 países elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Isso significa que, se brancos e negros tivessem as mesmas condições de vida, o país subiria 26 degraus na lista da ONU – hoje, está em 74 lugar. Em contrapartida, analisando-se apenas informações sobre renda, educação e esperança de vida ao nascer dos negros e mestiços, o IDH nacional despencaria para a 108 posição, igualando o Brasil à Argélia no relatório anual da ONU.

Segundo a tese de mestrado de Jurema Werneck:

Entre organismos estatais ou multilaterais produtores de dados e que já disponibilizam informações consistentes quanto às desigualdades raciais no país e na América Latina destacam-se IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, PNUD – Programa Das Nações Unidas para o Desenvolvimento, UNIFEM – Fundo das Nações Unidas para as Mulheres, UNICEF – Fundo das Nações Unidas para as Crianças, Ministério da Saúde/ FUNASA – Fundação Nacional de Saúde. Já os dados produzidos no âmbito da sociedade civil têm origem em organizações negras como Geledés – Instituto da Mulher Negra, Observatório Afrobrasileiro, Criola, Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, entre outros, além do trabalho de pesquisadoras e pesquisadores independentes ou vinculados a centros de pesquisa (que durante muito tempo deram pouco ou nenhum respaldo a suas pesquisas). A coleção e divulgação de dados numéricos e qualitativos por parte das organizações negras se mostraram uma importante ferramenta para o confronto às noções de democracia racial, estratégia mantida nos anos recentes. (2017, p. 14)

Porém, não é apenas através de dados que percebemos a grande desigualdade racial de nosso país, basta olharmos para a cor da maioria dos estudantes de uma Universidade pública e a cor da maioria de seus funcionários da limpeza, segurança ou de outros serviços. Raça e pobreza são sinônimos no Brasil.

Sendo assim, a população negra está suscetível a viver em situações de vulnerabilidade social, resultando em baixa escolaridade, o que gera milhares de subempregos, como foi o caso de Rosária Maria da Conceição, mãe de Elza Soares, que trabalhou como lavadeira para mais de 25 pessoas⁴⁷. Elza achava isso um absurdo pois mesmo com o trabalho pesado de sua mãe,

⁴⁷ O Gingado da Nega. Canal *BIS*, 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5EqOwNuKE78&t=8s>>.

no fim do mês ela mal tinha dinheiro para comer, por isso ela se recusava a trabalhar como doméstica. A própria cantora também teve que enfrentar subempregos como lavadeira, babá, copeira, entre outros. Ao voltar da Itália para o Brasil com o jogador de futebol Garrincha sem dinheiro e com a carreira praticamente destruída, trabalhou em um circo para comprar leite e farinha para seus filhos. Nesta época, Elza estava certa de que pararia de cantar, em 1986, o amigo e cantor Caetano Veloso a ajudou e foi aí que houve o ressurgimento de Elza Soares no meio artístico⁴⁸.

O racismo é uma das grandes dificuldades para a população negra conseguir trabalhos com melhores salários, até mesmo para as pessoas negras qualificadas, muitas vezes mais que seus concorrentes brancos, deixam de conseguir empregos simplesmente pela cor de sua pele, como o caso de Elza Soares no início de sua carreira que não foi chamada para cantar na gravadora por ser negra (LOUZEIRO, 1997).

Uma das primeiras vezes que Elza sofreu discriminação racial foi em um Colégio que estudava no Méier, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro: “brigou com Leda, que, em tom de insulto, chamou-a de negra. Mas, em vez da coleguinha ser punida, quem teve a carteira colocada na última fila foi Elza” (LOUZEIRO, 1997).

A exclusão do trabalhador abre margem também para a dificuldade de acesso a benefícios trabalhistas, como o seguro desemprego. A ausência da carteira assinada reflete a dificuldade em conseguir vagas com melhor remuneração, devido à falta de qualificação profissional. De acordo com o presidente da ONG ABC Sem Racismo e da agência de notícias Afropress, Dojival Vieira:

Nós somos os primeiros a entrar no mercado por sobrevivência e somos os últimos a sair porque continuamos na informalidade. Há 128 anos, quando houve a abolição, os negros passaram a viver de bicos, o que persiste até hoje [...] Isso é retrato de um país que é a décima economia do mundo, mas que ainda exclui os direitos da maioria da população brasileira. A pobreza no Brasil ainda é negra⁴⁹.

Com a dificuldade em conseguirem empregos com melhores salários, muitas pessoas se veem “obrigadas” a estes subempregos, como o caso dos homens negros trabalhando na construção civil através de bicos e de muitas mulheres negras que, desde os primeiros anos da abolição da escravidão, tiveram que trabalhar como domésticas⁵⁰.

⁴⁸ Arquivo Record. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qHBrIs0CsZM>>.

⁴⁹ SOUZA, G. Na sombra da informalidade, negros são maioria dos trabalhadores por conta própria em São Paulo. *R7*, 20 de novembro de 2010. Disponível em <<http://noticias.r7.com/economia/noticias/na-sombra-da-informalidade-negros-sao-maioria-dos-trabalhadores-por-conta-propria-em-sao-paulo-20101120.html>>.

⁵⁰ *Ibidem*. Disponível em <<http://noticias.r7.com/economia/noticias/na-sombra-da-informalidade-negros-sao-maioria-dos-trabalhadores-por-conta-propria-em-sao-paulo-20101120.html>>.

O filme americano *Histórias Cruzadas* (2011), dirigido por Tate Taylor, retrata a situação das trabalhadoras domésticas na década de 1960 nos Estados Unidos, época do auge dos movimentos por direitos civis, onde é mostrada a hipocrisia e racismo da classe média americana. Outro exemplo para revelar a desigualdade que muitas empregadas domésticas brasileiras vivem é a página *Eu Empregada Doméstica*⁵¹, criado pela historiadora e rapper Preta Rara, através da rede Facebook, onde são mostrados relatos de anúncios de emprego e casos abusivos, em que é possível nos depararmos com o destrato que essa tão importante classe profissional sempre sofreu.

O movimento negro faz um combate exatamente contra todo esse racismo, falta de oportunidades e violência sofridas pela população negra, através de lutas por mais espaço, igualdade na sociedade, criminalização efetiva do racismo e discriminação racial em suas múltiplas formas na sociedade brasileira, defendendo políticas de ação afirmativa nos diferentes campos das políticas públicas como forma de eliminação das desigualdades raciais e promoção e valorização da vida da população negra.

2.2. Breve história do feminismo

Vivemos em uma sociedade machista e patriarcal e, assim como o racismo científico que, através da ciência, diz que a raça branca é superior à negra, ao longo da história ocidental, sempre existiram formas de legitimar a ideia de que as mulheres eram inferiores aos homens, foram utilizados religião, medicina e filosofia para afirmar esta falácia. As mulheres sofreram e sofrem com estas ideias, isoladas na esfera privada com suas tarefas domésticas e foi exatamente pela angústia da falta de mulheres nas esferas públicas como a política que, no século XVIII durante a Revolução Francesa, ocorreu o primeiro momento em que mulheres foram encorajadas a manifestarem-se contra a sujeição política, econômica, social e familiar, em que viviam. Em 1771 houve a declaração pelos direitos da mulher, primeiro documento da Revolução Francesa a mencionar a igualdade entre homens e mulheres E, até mesmo os grandes pensadores da época acreditavam que a mulher era um ser inferior.

Dessa diversidade, nasce a primeira diferença assinalável entre as relações morais de um e de outro. Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco; é necessário que um queira e possa, basta que o outro resista pouco. Estabelecido esse princípio, segue-se que a mulher é feita especialmente para agradecer ao homem (ROUSSEAU, 1973, p. 415).

⁵¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/euempregadadomestica/>>.

O machismo, para Gutierrez (1985, p. 118), “não passa de uma postura reacionária que, em escala social, ideológica e cultural, pretende perpetuar – nem sempre conscientemente – o status quo patriarcal”.

O feminismo vai contra todos esses pensamentos machistas de que a mulher é inferior ao homem, consiste em uma luta constante pelos direitos das mulheres e possui uma diversidade grande de conceitos, um deles é da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a qual enxerga o movimento como busca por igualdade política, social e econômica (2014).

Segundo Gebara (2001), “a sociedade patriarcal constituída há mais de 10.000 anos, criou e firmou uma hierarquia de culpa, que é classista, racista e sexista.” Com isto se quer dizer que sendo pobre, mulher e negra, maior a culpabilidade pelos pecados e desgraças que acontecem no mundo, como vimos no capítulo 1, que Elza foi a culpada pela derrocada do jogador de futebol Mané Garrincha.

A história do feminismo pode ser dividida entre três ondas. Utilizam-se o termo onda por dar a ideia de movimento, ou seja, avanços e retrocessos, facilitando assim, a compressão de demandas de cada movimento. São elas: 1) sufrágio feminino, 2) ideias e ações associadas às lutas de liberação feminina e 3) ampliação dos movimentos pela igualdade legal e social para as mulheres.

A primeira onda teria sido engatilhada a partir de manifestações intensas por direitos civis nos EUA e Reino Unido entre o final do século XIX e início do século XX, entre suas principais causas estava a luta pela conquista de poder político e especialmente o direito ao voto. Este foi talvez o “estopim” dos movimentos feministas. A luta pelo voto feminino foi sempre o primeiro passo a ser alcançado no horizonte das feministas da era pós-revolução industrial. As *suffragettes* (sufragistas), primeiras ativistas do feminismo no século XIX, eram assim conhecidas justamente por terem iniciado um movimento no Reino Unido, a favor da concessão, às mulheres, do direito ao voto. Conquistar o direito ao voto garantiria também que mulheres pudessem candidatar-se. O direito ao voto das mulheres foi conquistado no Reino Unido em 1918 (PINTO, 2010, p. 5).

A segunda onda foi consolidada por volta da década de 1960 e se caracteriza pelo ativismo organizado com o objetivo de reivindicar uma legislação que assegurasse uma série de direitos específicos para as mulheres, como atendimento médico adequado e políticas de direito ao corpo. Esta onda foi marcada pelo livro *O Segundo Sexo* (1949), da filósofa francesa Simone de Beauvoir, responsável por revolucionar o conceito de identidade feminina e introduzir discussões de gênero no meio acadêmico, analisava a mulher como apêndice do homem, como “o outro do homem”. A política, a religião, o sistema jurídico e a vida intelectual

e artística passam a ser compreendidos como construções de uma cultura predominantemente masculina. O masculino e o feminino passam a ser entendidos como criações culturais, “não se nasce mulher, torna-se” (BEAUVOIR, 1970).

Enquanto a primeira onda é marcada por disputas em lugares predominantemente públicos, a segunda é marcada por práticas subjetivas - como relações de casamento, onde a esfera doméstica entra definitivamente em questão, casamento, mercado de trabalho, entre outros pontos. Ou seja, nos anos 1960, o lema “o pessoal é político” começa a entrar em debate, fazendo com que questões tratadas como assuntos privados entrem para a discussão política e passem a ter uma grande importância. Esta expressão trouxe ao espaço da discussão política a opressão vivenciada por mulheres de maneira isolada e individualizada, quebrando a dicotomia público-privado (COSTA, 2009).

A segunda metade do século XX teve transformações importantes nessa rígida divisão entre público-privado, especialmente, a partir da entrada forte da mulher no mercado de trabalho. A nova posição da mulher no mundo do trabalho ao lado das lutas do movimento feminista trouxe mudanças importantes na relação das mulheres com o mundo público e, assim, alavancou muitas dessas lutas na segunda metade do século XX, inclusive, no âmbito das políticas públicas (PINTO, 2001).

Nos anos 60 e 70 a contracultura estava em alta, questionando a ordem e a moral tradicionais. É nesse momento que as pautas feministas ganham um viés libertário e começam a se questionar sobre padrões de beleza e autonomia da mulher em relação ao corpo - tendo como marco o caso da “queima de sutiãs⁵²” no Miss América, em 1968. Não era apenas sobre trabalho e direitos civis, mas também, sobre o direito ao corpo e à vida de forma plena. Elza em uma de suas entrevistas faz referência a um destes momentos simbólicos na luta feminista:

⁵² Este episódio ficou conhecido como *Bra-Burning* (a queima dos sutiãs), foi um evento de protesto com cerca de 400 ativistas do *Women's Liberation Movement*, contra a realização do concurso de Miss América em 1968, em Atlantic City. Na verdade, a “queima”, propriamente dita, nunca aconteceu. Mas a atitude foi “incendiária”. Elas colocaram no chão do local, sutiãs, sapatos de salto alto, cílios postiços, sprays de laquê, maquiagens, revistas, espartilhos, cintas e outros “instrumentos de tortura”. Sugeriram que colocassem fogo nestes objetos, porém não ocorreu pois não houve permissão do local (que não era público) para isso. Também ninguém tirou seu sutiã. Essas lendas urbanas surgiram porque, ao dar ampla cobertura para o evento, a mídia o associou a outros movimentos – como o da liberação sexual e dos jovens que queimavam seus cartões de identidade em oposição à Guerra no Vietnã. (DUFFET, J. WLM VS. Miss America. *Voice Of The Women's Liberation Movement*. Outubro, 1968, p. 04). Disponível em < <https://anos60.wordpress.com/2008/04/07/a-queima-dos-sutias-a-fogueira-que-nao-ocorreu/>>.

Sou uma mulher vencedora, sou uma guerreira. Uma vencedora que continua na batalha. Eu canto para as mulheres, para os negros, para os gays. Desde o primeiro sutiã rasgado até agora falta muita coisa. Falta rasgar muita calcinha.⁵³

É importante lembrar que essas correntes de pensamento tiveram predominância na Europa e EUA. Além disso, eram defendidas por uma parcela de mulheres bem específica: brancas e de classe média. Aqui no Brasil o contexto era outro, vivíamos em uma ditadura militar, na qual a repressão era muito grande e por isso todos os movimentos de contestação eram clandestinos. Os exílios tiveram grande importância nesse sentido, pois muitas mulheres trouxeram para cá ideias feministas que estavam em vigor nos países onde foram exiladas.

Uma grande figura do feminismo no Brasil foi a bióloga Bertha Lutz, que lutou pelo direito do voto feminino e, em 1927, levou um abaixo assinado ao senado pedindo aprovação da PL, resultando em leis que deram direito do voto às mulheres. Em 1920, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderada por Bertha Lutz, tinha como objetivo:

Promover a educação da mulher; elevar o nível de instrução feminina; proteger as mães e a infância; obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino; auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-las na escolha de uma profissão; estimular o espírito de sociabilidade e cooperação entre as mulheres e interessá-las para as questões sociais e de alcance público; assegurar à mulher direitos políticos e preparação para o exercício inteligente desses direitos; estreitar os laços como os demais países americanos.

Nos anos 60 as manifestações feministas crescem no Brasil em face ao regime militar e surge como algo fora da lei, fazendo com que muitas feministas fossem exiladas. Segundo Pañuelos en Rebeldía (2007), foi com a volta de muitas mulheres do exílio de países europeus, especialmente, que o feminismo recebeu força na América Latina. Durante o período de exílio, elas conseguiram encontrar companheiras feministas e, então, entender, a importância de ter espaços e organizações específicos de debates sobre os temas que dizem respeito às mulheres, seus corpos e a condução de suas vidas.

A terceira onda do movimento feminista foi em meados dos anos 80 e 90, na qual é possível observar uma fragmentação radical no movimento, tornando-o interseccional. A mulher possuía uma participação mais ativa na sociedade referente às ondas anteriores e o foco da discussão era a micropolítica. As diferentes identidades femininas - mulheres negras e lésbicas, por exemplo - não se viam representadas no feminismo. Começa então o pensamento reflexivo sobre o movimento e a autocrítica do feminismo.

⁵³ EQUIPE RED BULL. Elza Soares conquista Grammy Latino. #Música. 17 de novembro de 2016. Disponível em <<http://www.redbull.com/br/pt/music/stories/1331829955990/elza-soares-conquista-grammy-latino?linkId=31296199>>.

A partir dos anos 80 também, teóricos começam a chamar o movimento de “pós-feminismo”, usando frequentemente o termo *backlash* (retrocesso), o qual é uma resposta conservadora ao feminismo. Afirmavam que o movimento feminista havia acabado, pois as mulheres já tinham conquistado tudo - direito ao voto e de trabalho, e exatamente o termo utilizado passa a ser “pós-feminismo”. Novamente é importante lembrar do recorte, pois as mulheres negras sempre trabalharam - só que de maneira escrava, ou na pós-escravidão para o sustento da família; para elas, o trabalho não era uma opção, muito menos uma conquista.

O “pós-feminismo” tem sido definido como uma despolitização do feminismo, em inerente oposição à política feminista ativista e de coletivos” (GENZ & BRABON, 2009, p. 167). Tal como afirmam Tasker e Negra (2007, p. 4), esse rótulo é problemático na medida em que o próprio prefixo do termo anuncia o fim do feminismo, indicando que vivemos hoje em um momento histórico posterior a esse movimento.

Para muitos teóricos, o “pós-feminismo” está relacionado com a liberdade da mulher, sem necessariamente precisar de um posicionamento político, basta que ela faça suas próprias escolhas. Entretanto, o termo “despolitização” é problemático, uma vez que qualquer atitude de empoderamento feminino - seja ela em larga ou pequena escala - é um ato político, como vimos na segunda onda o lema: o pessoal é político.

As principais vertentes do movimento feminista são: feminismo negro, feminismo interseccional, feminismo radical e feminismo liberal, dentro destas vertentes existem diversos segmentos, porém não me aprofundarei neles.

2.3. Feminismo negro

O feminismo é uma ação política, uma prática, um pensamento crítico, um processo histórico que envolvem diversos movimentos, teorias, correntes e segmentos. Todos pautados pelo mesmo ideal: a luta pela igualdade entre homens e mulheres, porém, a figura da mulher no início do movimento feminista era a da mulher branca elitizada, ou seja, a luta pela igualdade durante muito tempo foi a luta pela igualdade entre homens e mulheres brancas de classe alta, deixando de lado todas as mulheres que não se enquadravam nesse padrão: negras e pobres.

Angela Davis, em seu livro *Mulher, Raça e Classe*, fala sobre o racismo presente no movimento sufragista estadunidense, onde foi possível ver mulheres brancas lutando pelos mesmos direitos que os homens e reproduzindo outros tipos de opressão como o de raça. Um dos argumentos que as mulheres brancas utilizaram para convencer os homens brancos de que mereciam o direito ao voto foi o de “vocês já podem votar, os homens negros vão começar, se

não permitirem que a gente vote os homens negros vão votar em pessoas que vão representar interesses que divergem dos nossos”. Ou seja, elas lutavam contra a opressão de sexo, porém oprimiam outras mulheres como as pobres e negras.

Assim como no movimento negro, que possuía uma face fortemente sexista, fazendo com que as relações de gênero funcionassem como fortes repressoras da autonomia feminina. A mulher negra não se via representada nem no movimento negro, e nem no movimento feminista. Segundo Carneiro (2013), as mulheres negras tiveram que “enegrecer” a agenda do movimento feminista e “sexualizar” a do movimento negro.

Este é um dos grandes problemas dos movimentos sociais, já dizia a poeta, negra, lésbica e feminista interseccional americana Audre Lorde, que não é possível combater uma opressão reafirmando outros tipos de opressão, como as mulheres brancas oprimindo as mulheres negras e os homens negros oprimindo as mulheres negras, assim como ela era oprimida no feminismo negro por ser lésbica:

Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negros, porque milhares de lésbicas e gays são negros. Não há hierarquias de opressão (LORDE, 1983).⁵⁴

Todas as opressões são ruins e devemos acabar com elas.

As mulheres negras têm especificidades muito diferentes, como a construção da feminilidade, por exemplo. A mulher branca sempre foi vista como um ser puro e delicado, por outro lado a mulher negra era tida como um animal bruto, que suporta as dores e por outras vezes extremamente sexualizada assim, conseqüentemente, desde a época da pós-abolição a mulher negra necessita de demandas muito distintas às mulheres brancas. Naquela época as mulheres brancas lutavam para conquistar o direito ao voto, enquanto isso, as mulheres negras lutavam para ser consideradas humanas. Em 1850 nos Estados Unidos, Sojourner Truth, uma ex-escrava fez um discurso importantíssimo sobre este assunto, chamando *Ain't I a woman?* (*Não sou eu uma mulher?*) (DAVIS, p. 72), a mulher negra era considerada uma terceira categoria.

Por todas as demandas diferentes e conseqüente falta de representatividade, foi necessária a “separação” do movimento feminista.

Para Patrícia Hill Collins, o feminismo negro significa:

⁵⁴ Disponível em <<http://www.geledes.org.br/nao-existe-hierarquia-de-opressao/#gs.zlOHwc>>.

O conhecimento especializado e produzido por afro-americanas que clarifica o ponto de vista de e para as mulheres negras. Em outras palavras, o pensamento feminista negro abrange interpretações teóricas da realidade das mulheres negras por aquelas que a vivenciam. (COLLINS, 1991, p. 22)

Nos tempos de escravidão, a mulher negra vivenciava opressões completamente diferentes por ser negra e por ser mulher, naquela época homens e mulheres escravas eram tratadas como bens móveis de seus donos. “As mulheres eram olhadas não menos que os homens, eram vistas como unidades rentáveis de trabalho, elas não tinham distinção de gênero na medida das preocupações dos donos de escravos.” (DAVIS, 1982, p. 10)

Porém, a mulher negra escravizada era violada de formas diferentes aos dos homens negros:

Onde o trabalho era considerado, força e produtividade debaixo do tratamento da ameaça do chicote e do sexo. Neste sentido, a opressão para as mulheres era idêntica à opressão para os homens. Mas as mulheres também sofreram de maneiras diferentes, porque eram vítimas de abuso sexual e outras barbaridades de maus tratos que apenas podem ser infligidas às mulheres. Os comportamentos dos donos de escravos para as mulheres escravas eram: quando era rentável explorá-las como se fossem homens, sendo observadas, com efeito, sem distinção de gênero, mas quando elas podiam ser exploradas, castigadas e reprimidas em formas ajustadas apenas às mulheres, elas eram fechadas dentro do seu papel exclusivo de mulheres. (DAVIS, 1982, p. 11)

Ou seja, a mulher escrava não era considerada mulher, exceto quando fosse conveniente para os prazeres de seu dono. As punições dadas às mulheres eram muito mais intensas as sofridas pelos seus homens, porque não eram apenas chicoteadas e mutiladas, elas eram também violadas através do estupro. “A violação era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo maior objetivo era extinguir a vontade das mulheres escravas em resistir, e nesse processo, desmoralizar seus homens” (DAVIS, 1982, p. 25).

Ainda hoje, a violação continua sendo uma arma de dominação patriarcal e, infelizmente, é uma realidade na vida de muitas mulheres. Elza Soares em diversos momentos de sua vida sofreu com inúmeros casos de estupro que seu primeiro marido, Alaúrdes, cometia: “ser violentada, para mim, passou a ser coisa comum. Acontecia quase toda a madrugada” (LOUZEIRO, 2002, p. 38).

A cultura do estupro é vigente desde a colonização do Brasil, quando mulheres negras foram estupradas por homens brancos e usadas em políticas oficiais de miscigenação, com o fim de branquear a população. A mentalidade daquela época se mantém forte na contemporaneidade e é por isso que são tão naturalizados aspectos culturais como a escolha anual da GLOBELEZA. A posição de mulata que expõe seu corpo é tão relacionada exclusivamente à mulher negra, que nem sequer se estende o concurso sexista para mulheres de outras raças.⁵⁵

⁵⁵ Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria. *Geledés Instituto da Mulher Negra*, 14 de julho de 2016. Disponível em <<http://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/#gs.eLI0weM>>.

Assim como as mulheres escravas eram propriedades de seus donos, era como se a mulher fosse propriedade de seu marido, através do casamento, portanto eles faziam (e, infelizmente, em muitos casos, fazem) o que bem entendessem com elas. A propriedade de si foi codificada de maneiras distintas para homens e mulheres. Esse é um dos motivos das altas taxas de feminicídio ser uma realidade no Brasil, principalmente, de mulheres negras. O racismo cria uma hierarquia de gênero, que faz com que a mulher negra esteja numa situação muito maior de vulnerabilidade social (falarei sobre isso novamente quando estiver analisando a música *Maria da Vila Matilde*).

As feministas negras lutam por pautas emergências, como salários mais dignos, fim do feminicídio negro, fim do genocídio da juventude negra, falta de representatividade na mídia, solidão da mulher negra, hiperssexualização e, conseqüentemente, objetificação.

Em 2013, a PEC 66 foi aprovada, transformando em lei a reivindicação de empregadas domésticas, que há décadas lutavam por direitos trabalhistas. Não por acaso, as mulheres negras compõem a maioria de trabalhadoras do lar (61,7%) e mesmo com o avanço trazido pela Proposta de Emenda Constitucional, a realidade ainda permanece distante do desejado. As funcionárias que exigem seus direitos muitas vezes acabam despedidas e, sob ameaças e assédio moral, é difícil efetivar a conquista. Enquanto mulheres brancas lutam para que seus salários (média de R\$ 797,00) sejam equiparados aos salários dos homens brancos (média de R\$ 1.278,00), as mulheres negras recebem ainda menos (média de R\$ 436,00). Conseguir um emprego formal, uma boa colocação e ingressar no ensino superior também são dificuldades típicas daquelas que possuem a pele negra.⁵⁶

A falta de empregos e os baixos salários, faz com que conseqüentemente, muitos destes problemas das mulheres negras se agravem, como o feminicídio, seja através de abortos clandestinos, violência obstétrica, pois são negligenciadas nas filas dos SUS, colocadas em segundo plano para que as mulheres brancas sejam priorizadas, e da violência doméstica, pois sem dinheiro estão mais sujeitas a dependerem de outras pessoas financeiramente, como seus maridos, por exemplo, e assim, mesmo às vezes vivenciando relacionamentos abusivos, ficam com medo de denunciarem.

Algumas das importantes pensadoras feministas do movimento negro brasileiro são Lélia Gonzalvez, Núbia Moreira Regina, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Beatriz Nascimento, Djamila Ribeiro, entre tantas outras.

2.4. ANÁLISE DE LETRAS

⁵⁶ *Ibidem*. Disponível em <<http://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/#gs.eLI0weM>>.

Elza Soares é uma cantora conhecida pelas interpretações que fez de variadas músicas e tornou-se popular, principalmente, através de sambas de sucesso como *Se Acaso Você Chegasse* de Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins e *Mas Que Nada* de Jorge Ben Jor⁵⁷. Apesar de não ser conhecida por suas composições, Elza, através de sua voz e performance, faz com que as músicas que canta sejam ressignificadas. Para Zumthor, “a voz é o lugar simbólico por excelência” (ZUMTHOR, 2000, pg. 97). A voz de Elza carrega inúmeros símbolos que estão atrelados à sua vida, “quando ela canta vem a vida dela toda, por isso ninguém supera as gravações da Elza” (BIAL, 2013), dando força maior a elas especialmente quando se trata de assuntos como negritude, racismo e violência doméstica, como no caso das músicas que analisarei. Para Danilo Fraga Dantas, “quando escutamos as canções presentes na mídia, não podemos esquecer a tensão constante entre a imagem do artista e a performance de cada canção.” (2006, p. 64) “Como ouvintes, nós assumimos que podemos ouvir a vida de alguém em sua voz” (FRITH, 1996, p. 186). Ou seja, apesar de ser problemático a existência de uma maioria de letras escritas por homens brancos, em um álbum como *A Mulher do Fim do Mundo*, que diz ser “uma voz para as minorias”, assim como vimos ser problemático um feminismo escrito apenas por escritoras brancas, Elza dá uma nova vida à estas letras e faz com que pensemos que ela mesma tenha escrito por ter tanta semelhança com sua própria vida: “Assim, uma canção adquire todo um novo sentido ao ser cantada por outra pessoa” (DANTAS, 2006, p.64). O sentido e o valor da música popular massiva são configurados através do encontro entre música e ouvinte, uma interação que está relacionada aos aspectos históricos e contextuais do processo de recepção bem como aos seus elementos semióticos (JANOTTI, 2005, p. 8) A seguir, analiso duas músicas cantadas por Elza, *A Carne* do álbum *Do Cócix Até o Pescoço* e *Maria da Vila Matilde* (*Porque se a da Penha é brava imagine a da Vila Matilde*) do álbum *A Mulher do Fim do Mundo*.

De acordo com Elza: “Cantar ainda é remédio bom!”⁵⁸

2.4.1. A Carne

A Carne é uma música composta por Seu Jorge e Marcelo Yuka, está presente no álbum *Do Cócix Até o Pescoço* de Elza Soares lançado em 2002 e faz uma dura crítica ao racismo no Brasil. No programa Roda Viva da TV Cultura com Elza, realizado em setembro de 2002, a cantora diz que não queria gravar esta música como sendo um “protesto do povo negro”, por

⁵⁷ Elza Soares. *Sambando*, 05 de abril de 2017. Disponível em <<http://www.sambando.com/elza-soares>>.

⁵⁸ Gingado de Nega. Canal *BIS*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5EqOwNuKE78&t=8s>>.

mais que ela sempre tente enxergar uma pessoa negra sentada nas primeiras cadeiras dos lugares, como seus shows e, infelizmente, não ver. Elza já usava o penteado *black power* nos anos 70, e voltou com ele na época do lançamento da música. Apesar de que Elza não quisesse ser a “Tiradentes da luta do movimento negro”, como ela mesma disse, e preferisse ficar distante da política no início da década do século XXI, esses pequenos gestos como o uso do *black power* eram extremamente políticos.

A seguir, a letra da música⁵⁹:

A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história
Segurando esse país no braço
O cabra aqui não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador é lento
Mas muito bem intencionado
E esse país
Vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado

Mas mesmo assim
Ainda guardo o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar

A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra

⁵⁹ Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/elza-soares/281242/>>.

A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra

Essa música é o retrato da desigualdade que a população negra no Brasil vivencia, que surge através de uma herança cultural e escravocrata. Podemos dizer que se configura como uma canção de protesto (NAVES, 2010), pois denuncia os variados tipos de violência sofridos pela população negra, como o racismo e violências policiais, explicitados brevemente no subcapítulo “O Legado da Escravidão”.

O documentário americano “13th”⁶⁰(Décima Terceira Emenda) dirigido por Ava Duvernay sobre o sistema carcerário dos EUA ilustra muito bem essa letra, com o fim da escravidão, as grandes corporações precisavam de mão de obra barata, e, através de seus presídios, a polícia e o sistema penal fizeram com que muitos dos ex-escravos fossem presos por coisas muito pequenas, indo “de graça para os presídios”, assim como no Brasil. A população negra do país tem sido subjugada, violentada e criminalizada desde a escravidão para saciar os interesses sociais e econômicos das classes ricas, através de leis cujos efeitos camuflam e perpetuam a opressão.

Por fim, a música declara de maneira subliminar que este é o momento de mudanças e é necessário lutar por mais respeito e justiça, valorizando a população negra, que contribuiu para a construção do Brasil. Apesar de muitas vezes querer distância da política, para Elza, o negro continua sendo a carne mais barata do mercado e por isso ele “tem que lutar mesmo!”⁶¹.

2.4.2. *Maria da Vila Matilde (Porque Se a Da Penha é Brava Imagine a da Vila Matilde)*

Ganhou prêmio de Melhor Música. *Maria da Vila Matilde* é um dos singles do álbum *A Mulher do Fim do Mundo*, um dos maiores motivos para que este álbum esteja sendo chamado de “feminista” e, talvez a faixa do álbum que mais esteja chamando a atenção, visto que fala sobre algo presente na realidade de muitas mulheres brasileiras. Essa música foi escrita por Douglas Germano e é um retrato sobre a violência doméstica contra as mulheres no Brasil. Responsável pela letra, Germano conta:

⁶⁰ BARBOSA, T. ‘13ª emenda’ escancara como a escravidão nos EUA germinou um sistema de criminalização e prisão de negros. *Uai*, 24 de outubro de 2016. Disponível em <<http://www.uai.com.br/app/noticia/cinema/2016/10/24/noticias-cinema,195857/13-emenda-aborda-escravidao-nos-eua-e-racismo.shtml>>.

⁶¹ Programa Roda Viva. *TV Cultura*, setembro de 2002. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8ko447IATMk>>.

Sou filho de uma Maria. Eu vi essa Maria, minha mãe, apanhar em casa. Era garoto e podia fazer muito pouco além de sentir medo de meu pai e dó de minha mãe. “No dia seguinte, não se falava nada”, acrescenta ele, em texto sobre a música que ganhou vida na voz de Elza. “Minha mãe soluçava pela casa com hematomas e meu pai saía para trabalhar. Aquilo era como se fosse um segredo nosso. Segredo de família. Achava ruim.”⁶²

Segundo Germano, Elza foi a primeira mulher que ele viu, ainda garoto, “falar sobre esse assunto”, motivando assim a composição dele. A história de *Maria da Vila Matilde* se passa nos anos 1970 – “quando não havia lei Maria da Penha”, apesar de haver citação a um celular na letra -, e faz menção ao número 180, serviço de denúncia da violência contra a mulher.

A seguir a letra da música⁶³:

Cadê meu celular?
Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome
E explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E joga água fervendo
Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
Eu grito: péguix guix guix guix
Eu quero ver
Você pular, você correr
Na frente dos vizinhos
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar
Eu mostro o roxo no meu braço
Entrego teu baralho
Teu bloco de pule
Teu dado chumbado
Ponho água no bule
Passo e ofereço um cafezim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular?
Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome
E explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço

⁶² REDAÇÃO. Elza Soares brada contra violência doméstica em novo single; ouça. *Rolling Stone Brasil*, 11 de agosto de 2015. Disponível em <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/elza-soares-brada-contra-violencia-domestica-em-novo-single-ouca/#imagem0>>.

⁶³ Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/elza-soares/maria-da-vila-matilde/>>.

E jogo água fervendo
Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
Eu grito: péguix guix guix guix
Eu quero ver
Você pular, você correr
Na frente dos vizinhos
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando tua mãe ligar
Eu capricho no esculacho
Digo que é mimado
Que é cheio de dengo
Mal acostumado
Tem nada no quengo
Deita, vira e dorme rapidinho
Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo
Dedo, cheio de unha suja
E pra cima de mim? Pra cima de moi? Jamais, mané!

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim!

De acordo com o site Portal do Brasil⁶⁴: a cada ano, mais de um milhão de mulheres são vítimas da violência doméstica no país, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse tipo de violência, tem sido combatida com a defesa do direito das mulheres. A Lei do Feminicídio, por exemplo, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff em 2015, colocou a morte de mulheres no rol de crimes hediondos e diminuiu a tolerância nesses casos. Mas, talvez, a mais conhecida das ações seja a chamada Lei Maria da Penha. O projeto foi construído pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM), em conjunto com grupos da sociedade civil. Em 2016, a Lei Maria da Penha completou dez anos de existência.

A violência, no entendimento popular, pode ser definida como “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2004: 17). A violência psíquica pode, inclusive, levar a vítima

⁶⁴ PORTAL BRASIL. 9 fatos que você precisa saber sobre a Lei Maria da Penha. *Portal Brasil*, 27 de outubro de 2015. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/10/9-fatos-que-voce-precisa-saber-sobre-a-lei-maria-da-penha>>.

a enlouquecer. A violência psíquica e a moral situam-se fora do palpável, pois seus efeitos não são tangíveis; mesmo assim, elas são passíveis de mensuração (SAFIOTTI, 2004: 18).

O número 180 consiste em um serviço de telefonia da Central de Atendimento à Mulher - Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), do Ministério das Mulheres, que serve como disque-denúncia para casos de violência contra a mulher e instruções de serviços, como a forma de registrar um boletim de ocorrência (B.O), realizar um divórcio ou explicações sobre a lei 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, por exemplo. Este serviço funciona 24h por dia, todos os dias da semana e está disponível em todos os estados brasileiros, as atendentes (apenas mulheres) dão orientações, esclarecem dúvidas e podem registrar denúncias de agressões de forma segura. De acordo com Ane Cruz, coordenadora do projeto, em 2015 houve um aumento das ligações de terceiros: “ouvimos historicamente que ‘em briga de marido e mulher não se mete a colher’, mas se mete sim. A família sofre junto com a mulher agredida”⁶⁵.

Sendo assim, é de extrema importância que se quebre as questões de público-privado. Para Carneiro (2013) no artigo *Mulheres em Movimento*:

A luta contra a violência doméstica e sexual estabeleceu uma mudança de paradigma em relação às questões de público e privado. A violência doméstica tida como algo da dimensão do privado alcança a esfera pública e torna-se objeto de políticas específicas. Esse deslocamento faz com que a administração pública introduza novos organismos, como: as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (Deams), os abrigos institucionais para a proteção de mulheres em situação de violência; e outras necessidades para a efetivação de políticas públicas voltadas para as mulheres, a exemplo do treinamento de profissionais da segurança pública no que diz respeito às situações de violência contra a mulher, entre outras iniciativas. De acordo com Suárez e Bandeira: “Apesar de suas imperfeições, as Deams são instituições governamentais resultantes da constituição de um espaço público, onde se articulou o discurso relativo aos direitos das mulheres de receberem um tratamento equitativo quando se encontram em situações de violências denunciadas. Diferentemente das outras delegacias, as Deams, evitam empregar métodos de condutas violentas, promovendo a negociação das partes em conflito. A grande particularidade dessas instituições policiais é admitirem a mediação como um recurso eficaz e legítimo. Nesse sentido, não é demais lembrar que a prática da mediação é crescentemente considerada um recurso valioso na administração dos conflitos interpessoais, na medida em que diminui o risco de os conflitos administrados terem desdobramentos violentos.” (2013, p. 117)

Apesar do número de morte de mulheres brancas ter caído em 10% em 10 anos (de 2003 a 2013), o de mulheres negras aumentou em 54%, de acordo com o Mapa de Violência (2015)⁶⁶.

⁶⁵ PORTAL DO BRASIL. Conheça o Ligue 180, que em 2015 recebeu 179 relatos por dia de agressão contra mulheres. *Portal Brasil*, 27 de outubro de 2015. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/10/conheca-o-ligue-180-que-em-2015-recebeu-179-denuncias-por-dia-de-agressao-contra-mulheres>>.

⁶⁶ Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria. *Geledés Instituto da Mulher Negra*, 14 de julho de 2016. Disponível em <<http://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/#gs.eLI0weM>>.

A cor é fator relevante quando analisamos os casos de agressão e assassinato por parte de companheiros e ex-companheiros.

Jurema Werneck, integrante da ONG Criola⁶⁷, afirma que faltam políticas para as mulheres negras. “Uma política pública justa e democrática precisa ser destinada a grupos específicos”, afirma. Segundo ela, ao tratar as mulheres de forma homogênea sem levar em conta os diferentes contextos enfrentados pelas negras e pelas brancas, o Estado “tende a privilegiar grupos privilegiados, e prejudicar grupos marginalizados”. “A mulher negra tem dificuldade de acessar não apenas a rede de proteção contra a violência, mas todas as outras”, afirma. “Muitas delas têm medo de recorrer ao Estado em casos de violência porque sabem que é o Estado que mata os homens negros, logo ela não confia nele.”⁶⁸

Elza Soares sofreu violência doméstica e sexual várias vezes durante sua vida, de acordo com suas falas “antes a mulher tinha medo de denunciar”. Hoje em dia as mulheres negras também têm muita dificuldade em denunciar, visto que as políticas públicas não conseguem contemplá-las, porém, antigamente, era pior ainda e Elza afirma que se sofresse hoje em dia ela denunciaria, assim como em inúmeras entrevistas e shows ela diz para todas as mulheres denunciarem os abusos: “a mulher não pode sofrer calada!”.

2.5. Vamos fazer um escândalo!: analisando vídeo de Jout Jout

Após analisar questões sobre raça e gênero, finalizo este capítulo, com uma reflexão que tive ao ver o vídeo *Vamos Fazer um Escândalo*⁶⁹, publicado em 2015 pela youtuber Jout Jout em seu canal do Youtube, junto com as falas de Elza Soares. Neste vídeo, Jout Jout fala sobre o caso de assédio sofrido por uma garota de 12 anos, participante do programa *Master Chef Jr.*, em que, através da internet, inúmeros homens fizeram comentários absurdos assediando a menina. A partir disso, o blog *Think Olga* lançou uma *hashtag*, chamada “#PrimeiroAssédio”, que incentivava as pessoas a compartilharem seus primeiros abusos, com o intuito de mostrar como isso, infelizmente, é a realidade de milhares de mulheres e o quanto precisamos de movimentos como o feminismo. Jout Jout conta como isso aconteceu (e acontece) com praticamente todas as mulheres presentes em sua vida, dando exemplos de

⁶⁷ CRIOLA é uma organização da sociedade civil, fundada em 1992, e desde então, conduzida por mulheres negras. CRIOLA define a sua atuação na defesa e promoção dos direitos das mulheres negras e na construção de uma sociedade onde os valores de justiça, equidade e solidariedade são fundamentais. Disponível em <<http://criola.org.br/onepage/quem-somos/>>.

⁶⁸ ALESSI, G. Morte de mulheres negras dispara com falta de amparo na periferia. *El País*, 9 de novembro de 2015, Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/06/politica/1446816654_549295.html>.

⁶⁹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0Maw7ibFhls>>.

inúmeros assédios expostos através da *hashtag*. Ao final do vídeo, indignada com a situação, a youtuber diz para todas fazerem um escândalo: “E para você que foi violentada, assediada, abusada de qualquer forma, é para fazer um escarcéu. Um escândalo! Sair correndo gritando no meio das ruas igual uma enlouquecida. Porque silêncio nenhum vai te proteger de absolutamente nada”. Após esta fala, aparece no fim do vídeo: “Central de atendimento à mulher. Ligue 180”.

Em resposta à esse vídeo, algumas feministas negras disseram “não é bem assim”⁷⁰, pois a youtuber desconsiderou que muitas pessoas não têm o “privilégio” de fazerem escândalos e denunciar seus assédios, principalmente mulheres pobres e negras, pois muitas vezes são dependentes financeiramente de seus parceiros que as abusam, o que faz com que seja muito difícil de denunciarem, exatamente pela ineficácia de políticas públicas para estas mulheres, como vimos que, mesmo com leis como a Lei Maria da Penha, o feminicídio negro aumentou muito nestes últimos anos e o de mulheres brancas diminuiu.

Porém, assim como Jout Jout, Elza Soares, mulher negra e que sofreu inúmeros casos de violência doméstica, também se põe contra a violência e abusos sofridos pelas mulheres, seja através da música *Maria da Vila Matilde*, ou e em variadas falas de Elza na mídia, a cantora diz para as mulheres “gritem!”. Em seus shows após esta música, a cantora repete novamente para ligarem para o número 180: “No meu show faço um alerta para as mulheres ficarem espertas. Já passou o tempo de sofrermos caladas. Está na hora de gritar!”⁷¹

Contudo, até que ponto estas falas de Elza são positivas ou problemáticas visto que nem todas as mulheres podem denunciar?

Primeiramente, devemos pensar que existe uma infinidade de mulheres diferentes, seja de classes, raças, orientações sexuais diferentes, etc e muitas delas não denunciam os abusos que sofrem seja por medo ou por dependência. De acordo com Audre Lorde: “quando as palavras das mulheres clamam por serem ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirar essas palavras para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua pertinência à vida.” (1977)

Eu ia morrer cedo, tivesse falado ou não. Meus silêncios não tinham me protegido. Tampouco protegerá a vocês. Mas cada palavra que tinha dito, cada tentativa que tinha feito de falar as verdades que ainda persigo, me aproximou de outras mulheres, e juntas examinamos as palavras adequadas para o mundo em que acreditamos, nos sobrepondo a nossas diferenças. (Comunicação de Audre Lorde no painel *Lésbicas e*

⁷⁰ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uTrLpclk3j4>>.

⁷¹ SALOMÃO, G; BORGES, L. Elza Soares: “Já passou o tempo de sofrermos caladas. Está na hora de gritar”. *Época*, 08 de março de 2016. Disponível em <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/03/elza-soares-ja-passou-o-tempo-de-sofrermos-caladas-esta-na-hora-de-gritar.html>>.

literatura da Associação de Línguas Modernas em 1977 e publicado em vários livros da autora)

Assim como escrito acima, o silêncio faz com que as mulheres vão morrendo aos poucos e não protege ninguém, a não ser os agressores. O problema desta questão não está exatamente nas falas de Elza e Jout Jout, mas sim nas políticas públicas que não dão a assistência devida às mulheres que sofrem violências e na falta de apoio que estas mulheres amargam. Portanto, devemos lutar por melhores políticas públicas, especialmente para essas mulheres que não têm voz.

Por fim, termino este capítulo com um poema de Audre Lorde chamado *Uma Litânia pela Sobrevivência*:

Uma litania pela sobrevivência

Para aqueles entre nós que vivem no litoral
em pé frente às arestas constantes da decisão
cruciais e sós
para aqueles entre nós que não podem dar-se ao luxo
dos sonhos passageiros da decisão
que amam de passagem por soleiras
nas horas entre auroras
olhando para dentro e para fora
no instante antes e depois
buscando um agora que possa gerar
futuros
como pão na boca de nossos filhos
para que seus sonhos não reflitam
a nossa morte:

Para aqueles entre nós
que foram impressos com o medo
como uma linha tênue no centro de nossas testas
aprendendo a temer com o leite de nossas mães
pois por esta arma
esta ilusão de alguma segurança a ser achada
os de passos pesados esperavam silenciar-nos
Para todos nós
esse instante e esse triunfo
Nunca fomos destinados a sobreviver.

E quando o sol se ergue temos medo
que talvez não permaneça
quando o sol se põe temos medo
que talvez não se erga de manhã
quando nossos estômagos estão cheios temos medo
da indigestão
quando nossos estômagos estão vazios temos medo
que talvez nunca mais comamos
quando nós amamos temos medo
que o amor desaparecerá
quando estamos sós temos medo
que o amor jamais voltará
e quando falamos temos medo
que nossas palavras não sejam ouvidas
nem benvindas
mas quando estamos em silêncio
ainda assim temos medo

Então é melhor falar
lembrando-nos
de que nunca fomos destinados a sobreviver⁷²

⁷² Disponível em <<http://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/#gs.W95KTmc>>.

3. “ESTE ÁLBUM NÃO É VERDADEIRAMENTE FEMINISTA”: SOBRE INDÚSTRIA CULTURAL E FEMINISMO OU PÓS-FEMINISMO

“Olha não tem ninguém na
praça
Só tem um sol sem graça
Não tem ninguém para ver e
contar!”

Luz Vermelha (Clima e Kiko Dinucci)

Temos até agora uma breve noção da trajetória de Elza Soares, vista no capítulo 1 através de estudos de reportagens dadas à mídia, da biografia *Cantando Para Não Enlouquecer* (1997) e documentários sobre sua vida, assim como também vimos no capítulo 2, questões sobre raça e gênero. Sendo assim, esses dois capítulos são de extrema relevância para compreendermos o capítulo 3, pois irão complementá-lo, junto ao debate sobre indústria cultural, tendo como foco o campo da música, pois o objeto a ser analisado é o álbum *A Mulher do Fim do Mundo* e todo o discurso social que está em torno dele. Neste capítulo irei abordar a questão que fez com que eu decidisse estudá-lo, que envolve indústria cultural e feminismo, através de uma discussão que houve no Facebook sobre o álbum não ser “verdadeiramente feminista”. Entendemos como “indústria cultural”:

Um conjunto de setores, segmentos e atividades auxiliares industriais produtoras e distribuidoras de mercadoria com conteúdos simbólicos concebidos por um trabalho criativo, organizadas por um capital que valoriza e é destinado ao mercado de consumo, com uma função de reprodução ideológica e social. (ZALLO, 1988, p. 26)

Douglas e Isherwood (2004) explicam que, através do consumo, os indivíduos criam para si universos coerentes a partir do que é manifestado na cultura e com isso comunicam-se sobre si próprios.

Quando se diz que a função essencial da linguagem é sua capacidade para a poesia, devemos supor que a função essencial do consumo é sua capacidade de dar sentido. Esqueçamos a ideia da irracionalidade do consumidor. Esqueçamos que as mercadorias são boas para comer, vestir e abrigar; esqueçamos sua utilidade e tentemos em seu lugar a ideia de que as mercadorias são boas para pensar: tratemo-las como um meio não verbal para a faculdade humana de criar (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004, p. 108).

A discussão sobre o álbum “não ser verdadeiramente feminista” gerou inúmeros debates sobre machismo e racismo na indústria cultural e começou no dia 20 de junho de 2016 quando a diretora de fotografia, produtora cultural, musicista, artista etc, Tay Nascimento postou em seu Facebook o seguinte texto:

Eu já falei mil vezes, mas nunca me cansarei de repetir. *A Mulher do Fim do Mundo* é disco de homem, feito por machos e por machistas, tocado e composto por diversos machinhos coniventes com machismo e machistas abusivos, protagonizado pela voz da Elza Soares e travestido de disco feminista. Aqui a ficha técnica, pra quem ainda não foi nos shows e olhou pro fundo do palco⁷³. Alguns dos músicos e pessoas que participam do disco e silenciaram os abusos morais, sexuais e psicológicos da produção do Quintavant / QTV e na Audio Rebel (boicote), o produtor Bernardo Oliveira, o dono da Audio Rebel Pedro Azevedo e o baterista e produtor Renato Godoy: Kiko Dinucci, Rodrigo Campos. Romulo Fróes De Carvalho, Thiago França. Não passarão.

74

Assim como dito no capítulo 1, Tay Nascimento mostra que este álbum foi produzido em sua grande maioria por homens, em sua ficha técnica podemos ver a presença de pouquíssimas mulheres, talvez menos de 10% das pessoas envolvidas na confecção deste álbum são mulheres, contando com Elza Soares. Além disso, Tay diz que além de ser um objeto cultural feito por homens, muitos destes homens foram coniventes com situações de abusos sofridos por ela e outras mulheres. Nesta mesma publicação, existem diversos prints de conversas e outros posts em que Tay discute com alguns integrantes do álbum sobre os casos de abuso, porém não entrarei neles. É notável a indignação de alguém que sofreu abusos, ao ver estas pessoas produzindo um álbum tão forte sobre respeito às mulheres, quando eles mesmos parecem não respeitar. Porém, para Djamilia Ribeiro, filósofa e feminista negra, este “boicote” ao álbum foi visto como algo racista e no dia 22 de junho de 2016, respondeu à publicação de Tay no site *Carta Capital*, onde é colunista:

Nesta semana, uma mulher branca sugeriu um boicote ao álbum *Mulher do Fim do Mundo*, de Elza Soares. O motivo é que o álbum não seria feminista, já que na sua produção trabalharam homens machistas. O argumento dá a entender que Elza estava sendo usada e não possuía consciência da potência do álbum. Nele, Elza canta sobre a liberdade da mulher e a necessidade de uma vida sem violência. Logo, várias reações surgiram. A afirmação da moça foi vista como um desrespeito à trajetória de Elza, já contemplada com o título de “cantora do milênio”. E eu concordo. Querer deslegitimar uma obra como essa por conta do envolvimento de homens machistas não é argumento que se preze. Fosse assim, nada na indústria cultural seria produzido porque machismo é um elemento estruturante da sociedade, e como tal, não há espaço que esteja isento – o mesmo acontece com o racismo. Os espaços de poder ainda são dominados por homens brancos por mais que lutemos contra isso. Agora, torna-se muito problemático cair numa crítica desonesta que tenta deslegitimar o sujeito oprimido como se não tivesse agência e potencialidade. Falemos sobre a indústria e seus limites, mas sem desrespeitar uma grande cantora. E faço a pergunta: qual artista de massa não está dentro da lógica da indústria cultural? Por que essa crítica só é direcionada às mulheres negras ou quando elas fazem muito sucesso? Elza Soares possui uma história de muita luta. Nasceu pobre e enfrentou o julgamento moral da sociedade: ao se apresentar pela primeira, aos 13 anos, num programa de auditório, o apresentador, ao vê-la com roupas simples e franzina, perguntou: “De qual planeta você veio?” Ao que ela respondeu: “Do planeta fome”. Elza é uma mulher forte, que

⁷³ *A Mulher do Fim do Mundo. Discos do Brasil*. Disponível em <http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Disco=DI06781>.

⁷⁴ Disponível em <<https://www.facebook.com/taynascimento/posts/10206320782210658>>.

tem muita consciência do que está fazendo. O engraçado é que esse tipo de “argumento” não se aplica às mulheres brancas com talentos duvidosos. Também ninguém nunca diz que a obra de algum cantor deve ser boicotada porque a indústria é racista. É preciso ter honestidade para fazer o debate sério. Tentar retirar a autonomia de Elza Soares e colocá-la num local de subalternidade é reforçar a lógica racista. É colocá-la como incapaz de fazer escolhas ou de ressignificar símbolos. Debater racismo e machismo estruturais não pode se confundir com deslegitimar o sujeito do grupo oprimido. Debater sobre a apropriação cultural, que faz com os sujeitos negros que produzam a cultura não tenham acesso a ela, raramente acontece. Debater o modo pelo qual o capitalismo se apropria dos símbolos de uma cultura, esvaziando-a de sentido, também não. Do mesmo modo, raramente vemos uma discussão sobre o modo pelo qual os muros sociais construídos são escamoteados por uma romantização de uma cultura única, que, na verdade, serve para manter o sujeito que produz a cultura à margem, enquanto os grupos privilegiados enriquecem e mantêm a segregação social. Se for para fazer esse debate, concordo. Se for para tentar ridicularizar uma mulher negra extremamente talentosa, peço para que a autora do boicote repense seu racismo.⁷⁵

Podemos relacionar algumas falas de Djamilia com a tese de mestrado de Jurema Werneck, como quando ela diz que Tay põe Elza em um lugar de subalternidade como se ela não tivesse consciência da potência do álbum: “A afirmação das mulheres negras como sujeitos subordinados não significa sua definição como vítimas inoperantes ou apáticas de sobre determinações, despossuídas de ferramentas de contraposição e de reorganização em nome de sua sobrevivência individual e grupal.” (WERNECK, 2007, p. 16). As mulheres negras, mesmo sendo sujeitos duplamente subalternos como vimos devido ao gênero e à raça, não deixam de ser sujeitos sociais e políticos. De acordo com Werneck (2007), por viverem em um ambiente de violenta exclusão, o que gera um “menor acesso aos mecanismos de afirmação de poder e de manejo das estruturas políticas e sociais”, (WERNECK, 2007, p.02) a desigualdade social poderia exigir delas, por exemplo, o desenvolvimento de estratégias particulares de resistência e autopreservação: “as mulheres negras seriam provocadas a produzir práticas inovadoras que podem resultar em instabilidades, ou mesmo em mudanças (se pensarmos no longo prazo e na coexistência de outras estratégias contestatórias), do *status quo*.” (WERNECK, 2007, p. 01) Assim como Elza fez durante toda sua carreira, encontrando estratégias através da arte para mudar a realidade em que vivia, influenciando outras mulheres negras a partir da música. Estratégias culturais que são “capazes de fazer a diferença” (HALL, 2003, p. 339).

Para Stuart Hall, “a vida cultural, sobretudo no ocidente e também em outras partes, tem sido transformada em nossa época pelas vozes das margens” (Hall, 2003c, p. 338). Assim como vimos no capítulo 2, Elza tem a habilidade de ressignificar o que canta, e por mais que ela esteja cantando algo que foi escrito por um homem, talvez o que “importe” para muitas pessoas, ao

⁷⁵ RIBEIRO, D. Antes de boicotar Elza Soares, repense o seu racismo. *Carta Capital*, 22 de junho de 2016. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/antes-de-boicotar-elza-soares-repense-o-seu-racismo>>.

final, seja a mensagem ideológica que sua voz nos passa, pois remete à sua vida cheia de luta e resistência, sendo “uma voz da margem”.

Em resposta à esta publicação de Djamila, Tay tentou entrar em contato com ela para debaterem a respeito, porém não conseguiu, e no dia 03 de julho de 2016 fez uma carta-resposta publicada pelo site Médiun; visto que é bem extensa, colocarei aqui apenas os trechos que acho mais importantes para a discussão desta monografia:

(...) Acredito que antes de qualquer coisa devo minhas sinceras desculpas à Elza, a você e todas as mulheres, - principalmente as mulheres negras, e mulheres mais oprimidas do que eu que não merecem ser silenciadas por nenhuma luta – se pareceu que a ideia era boicotá-la, silenciá-la ou dizer que ela ou a potência de seu canto não são feministas. Fico feliz que apesar de todo entorno machista, Elza, outrxs artistas negrxs, indígenxs, mulheres e/ou trans, gays e homens, ao longo da história da música, da arte, do mundo, tenham sido tão fortes, conseguido sobreviver, fazer seu trabalho, passar suas mensagens e viver tentando não exercitar opressão machista (...) Em nenhum momento tive a intenção de propor uma vala de “subalternização à Elza” ou disse que ela foi “usada e não possuía consciência da potência do álbum”, muito menos “boicote” ao disco ou aos shows. Interessaria-me muito, mas muito mesmo, conversar com Elza pessoalmente e saber sua opinião acerca dos abusos silenciados e posturas machistas por parte de algumas pessoas envolvidas em seu disco. (...) Ouvei muita gente relatar a grande força que Elza passa nos shows, gritando a plenos pulmões que as mulheres não devem se calar, dizendo o número do 180, reexistindo diversas letras escritas por homens machistas. Seria inclusive completamente incoerente da minha parte não reconhecer, - já que eu mesma ouço seus outros discos e de diversas mulheres, negrxs e de outrxs etnias, gays, trans, brasileiroxs e de muito lugares do mundo - dxs quais muitos outros homens machistas certamente participaram e ainda são grande maioria no mercado musical) – e me influencio muito pela potência de Elza como intérprete, sua história de luta vital por sobrevivência, resistência, feminismo negro e engajamento. Não fiz e não vi sequer um comentário responsabilizando Elza, a ofendendo ou gritando “boicote”. Acredito muito que como feminista, negra reconhecida, que fez questão de abordar as temáticas feministas, negra, gay, trans no disco, Elza teria prazer em ter mulheres, negrxs, trans, empregadas em sua banda, na direção, em diversas frentes do projeto. É sintomática a afirmação do produtor e diretor do disco Guilherme Kastrop em sua última resposta para Dora e a mim quando o indagamos sobre a falta de mulheres no disco: “na direção de arte, no quarteto de cordas (quando há orçamento), iluminação, composição, administração, cenografia”⁷⁶ Não há como ignorar que Elza foi convidada a participar de um disco por homens, com letras escritas em grande maioria por homens, protagonismo masculino em peso. (...) Em nenhuma circunstância quis atacar Elza, nem à outra única compositora que participa do disco, Alice Coutinho, mulheres que assinam direção de arte e iluminação, administração, cenografia, nem mulheres que somam o quarteto de cordas, nem tenho dúvida acerca de suas potências como mulheres sobreviventes e talentosas e de Elza como feminista e intérprete negra. (...) Fiquei bem abalada de ter sido chamada de racista por você e por outras mulheres negras. E continuarei refletindo e debatendo isso, sobretudo com quem se ofendeu, ouvindo amigxs negrxs e me indagando muito sobre suas falas, sobre como, através de falas descuidadas minhas, o debate se desvirtuou tanto de minhas principais intenções: - Expor o modo como mulheres e/ou trans, negrxs, gays, ainda são minoria na indústria fonográfica e na arte, mesmo em obras e em ambientes supostamente independentes que debatem e se dizem feministas, de esquerda e/ou engajadxs. - Como, em minha opinião, faria muito mais sentido se o projeto “A Mulher do Fim do Mundo”, uma obra

⁷⁶ Disponível em

<https://www.facebook.com/taynascimento/posts/10206320782210658?comment_id=10206329843957196&comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22R9%22%7D>.

considerada forte para muitxs mulheres e/ou trans e obras e projetos que se propõe debater esses temas empregassem e tivessem maior parte das verbas direcionadas para essas pessoas que se propõe representar. - Lembrar o nosso silenciamento feminino por parte de músicos, produtores, público e envolvidos com o evento QUINTAVANT e da casa de shows Audio Rebel e que ainda emitem diversas posições machistas publicamente (como expus nos prints⁷⁷) e se negam a assumir seus privilégios. Concordo que Elza conseguiu e continuará a ressignificar discursos machistas (pra além da maioria de músicos homens em sua banda e o esqueleto machista da produção) em seus discos, shows e dará potência e força às mulheres negras, e/ou trans, gays e todos que ouvirem sua obra, com sua interpretação nesse disco e/ou nos shows, — porque como vivenciamos— a arte e a indústria cultural ainda são muito machistas, misóginas, preconceituosas, racistas, mas sobrevivemos (...) Não sou ingênua de acreditar que “na indústria cultural nada deveria ser produzido porque machismo é um elemento estruturante da sociedade, e como tal, não há espaço que esteja isento— o mesmo acontece com o racismo.” Mas acredito que devemos colocar sim em debate projetos, obras, produtorxs culturais, artistas, pessoas que não se importam em empregar mulheres e/ou trans, gays, pessoas não binárias, negrxs, indígenas, musicistxs, compositorxs em pleno 2016, em trabalhos que propõe debater essas questões. E quando eu digo que Elza é uma senhora que tem uma trajetória dentro desse universo machista da música e apenas aceitou com naturalidade ser convidada por um produtor homem - num disco quase só de homens e composições masculinas - é porque creio que faltou engajamento e cuidado por parte dos produtores e propositores do disco. De uma vez por todas, não da parte de Elza. “Na verdade, a ideia inicial era fazermos um disco de sambas clássicos interpretados por ela e rearranjados pelo grupo, mas por influência de um grande amigo, acadêmico, estudioso da música brasileira, Renato Gonçalves, resolvi propor a Elza um disco de inéditas, compostas pelo grupo especialmente pra ela. Elza topou na hora. O que eu esperava era fazer uma fogueira, então juntei os gravetos e aticei as brasas. O que aconteceu depois foi decorrência natural desse encontro entre uma das maiores artistas brasileiras de todos os tempos e desse grupo de artistas que considero um dos mais importantes do nosso tempo” (Guilherme Kastrup, em entrevista ao *Virgula*⁷⁸—. Sendo o projeto desenvolvido em maioria homens que convidaram Elza e não tiveram esse cuidado, afirmar que o disco não era feminista foi uma provocação (descuidada, mas não ilegítima) sobre esse dualismo: como um disco serve tanto à causa feminista pela força de Elza, pelo empoderamento das mulheres e por outro lado também omite e massacra outras em seu processo de produção? (...) Queremos outra divisão do trabalho, não só no mercado fonográfico, na cultura e na sociedade (...) e não apenas “na direção de arte, no quarteto de cordas (quando há orçamento) iluminação, composição, administração, cenografia”, mas em peso e de forma igualitária e justa na composição nos instrumentos, nos meios de comunicação, na direção, no conhecimento científico e técnico, na educação, na política, no governo, nas principais bibliografias. Para que consigamos acreditar na cultura e na arte como agentes efetivos de mudança da sociedade. (...)⁷⁹

A indústria cultural possui suas particularidades de acordo com sua área específica, por exemplo, a indústria cinematográfica funciona de um jeito, assim como a indústria fonográfica,

⁷⁷ Disponível em

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10206320428201808&set=pcb.10206320782210658&type=3&theater>>.

⁷⁸ ALCÂNTARA, F. Exclusivo: ‘O negro, o gay e a mulher são minhas bandeiras’, diz Elza Soares. *Virgula*, 07 de junho de 2016. Disponível em <<http://virgula.uol.com.br/musica/entrevista-exclusiva-o-negro-o-gay-e-a-mulher-sao-minhas-bandeiras-diz-elza-soares/#img=1&galleryId=1106985>>.

⁷⁹ NASCIMENTO, T. Carta resposta à Djamilia Ribeiro e ao texto ‘Antes de boicotar Elza Soares, repense seu racismo’. *Medium Patricinha Mentiroza*, 3 de julho de 2016. Disponível em <<https://medium.com/@patricinhamentiroza/carta-resposta-%C3%A0-djamila-ribeiro-e-ao-texto-antes-de-boicotar-elza-soares-repense-o-seu-racismo-abeab7f84db>>.

de outro, através de suas fases de produção, circulação, fruição diferentes, porém, ambas indústrias são permeadas por discursos que estão em voga na mídia, assim como o racismo e machismo, elementos estruturantes da sociedade. A mídia tem grande importância nessas indústrias, pois desenvolve estratégias particulares para a construção de sentido de identidade dos expectadores/ouvintes com estes objetos culturais. Ou seja, através dessas estratégias a mídia faz com que produtos culturais sejam atravessados por discursos sociais ou não, conseguindo atingir um público alvo específico.

Com início nos anos 1980 e 1990, o movimento feminista entra em um momento de desconstrução e reflexão do que vinha sendo visto anteriormente, estas novas construções e ideias têm significados diferentes para determinados estudiosos e estudiosas e, passam a ser chamadas de pós-feminismo. Enquanto algumas vertentes dizem que o feminismo já acabou e que não seria mais necessário, pois, as mulheres conseguiram ingressar no mercado de trabalho, direito ao voto, entre outras pautas de lutas das ondas anteriores, outras defendem sua continuidade, porém com transformações, teríamos uma multiplicidade de feminismos. O termo emerge na interseção e hibridização de contextos culturais, acadêmicos e políticos: da mídia massiva e do jornalismo, das análises da teoria feminista, da teoria pós-moderna e da retórica neoliberal (GENZ & BRABON, 2009).

A partir dos anos 90 o termo feminismo ou “pós-feminismo” passa a ser uma *buzzword* (termo em voga) jornalística mais recorrente e o conceito de feminismo popular ganha expressão. Para McRobbie (2006), Andréa Stuart considerou a ampla circulação de valores feministas na cultura popular, em particular em revistas onde, de repente, questões que eram centrais no movimento das mulheres como violência doméstica, igualdade de salários, assédio sexual, passaram a ser encaminhadas a muitos leitores (STUART, 1990). Em consequência disso, estamos vivendo um momento em nosso país e em muitos outros países, principalmente ocidentais, que muito fala-se sobre feminismo, como algumas revistas semanais como *Época* e *Istoé*, noticiaram sobre as diversas manifestações realizadas, em sua grande maioria, por mulheres, contra a violência e contra o Projeto de Lei 5069/93, e estas foram chamadas de “primavera feminista”⁸⁰, em alusão ao termo “primavera árabe”, nas redes sociais, programas de televisão como, também, através de artistas, por meio de suas músicas ou falas em entrevistas, por exemplo.

De acordo com a tese de Tatiane Leal (2015, p. 36):

⁸⁰ CARDOSO, B. Qual a revolução feminista das capas das revistas?. *Blogueiras Feministas*, 09 de novembro de 2015. Disponível em <<http://blogueirasfeministas.com/2015/11/qual-a-revolucao-feminista-das-capas-das-revistas/>>.

Para Gill (2007), mais do que como uma virada epistemológica ou um posicionamento teórico, o pós-feminismo deve ser entendido como uma sensibilidade, que pode ser percebida, principalmente, no âmbito midiático. A diferença da mídia atual para as revistas, a publicidade, a televisão e o rádio das décadas de 1960 e 1970 é que discursos feministas são expressados também por meio dela, não sendo mais simplesmente vozes externas e independentes que criticam suas representações. Os produtores de mídia contemporâneos conhecem o movimento, mas isso não significa dizer que os veículos tornaram-se feministas. Neles, discursos de emancipação e liberdade convivem com afirmações conservadoras e tradicionais.

Ou seja, por mais que estejamos falando talvez sobre “feminismo”, junto dele vem discursos conservadores e tradicionais, característico do “pós-feminismo”. Genz e Brabon (2009), identificam algumas correntes que constituem o “pós-feminismo” hoje, como, por exemplo, o *backlash*, o *power feminism*, o *girl power*, o *do-me feminism*, o *cyberfeminism* e o feminismo *queer*. O *backlash* (MACEDO & AMARAL, 2005; FALUDI, 1992), traduzido como “retrocesso”, é talvez um destes termos que mais presenciamos hoje em dia e rompe com o movimento feminista, pois, junto com discursos feministas vêm os discursos reacionários, o retrocesso, seja na mídia ou através da grande bancada conservadora presente na política do Brasil.

Esse “novo feminismo” (LEAL, 2015), deixa de ser um movimento coletivo, com foco nas desigualdades estruturais e objetivos políticos, para tornar-se uma revolução individual de cada mulher, tendo como foco no individualismo e na promoção do consumo, gerando um esvaziamento da potência de transformação política do movimento. Porém, como vimos no capítulo 2, isto não significa que não precisemos mais do feminismo, visto que inúmeras mulheres vivem situações de vulnerabilidade, como as mulheres negras e periféricas. Assim como disse Leal:

Dividir o mundo simplesmente entre uma construção binária de dominantes e dominados — patriarcado e mulheres oprimidas — seria ignorar a complexidade das relações de poder estabelecidas por esses fluxos. Um mesmo indivíduo pode, ao mesmo tempo, dominar e ser dominado. Assim, as mulheres poderosas sofrem desigualdades devido ao seu gênero, mas também exercem dominação sobre outras mulheres, as empregadas domésticas invisíveis, que são fundamentais para a construção do seu status de mulheres bem-sucedidas. Aqui, as intersecções identitárias propostas pelos Estudos Culturais (HALL, 2005), com a introdução de fatores raciais e de classe, além do gênero, como categorias de análise, tornam-se fundamentais para o entendimento dessas relações. (2015, p.85)

Elza Soares é uma das artistas que fala muito sobre feminismo atualmente e diz que esse último álbum é um grito para todas as mulheres. Porém, não foi sempre que Elza se considerou feminista, mesmo sendo sempre a favor da igualdade de gênero. Até porque, de acordo com ela, se falasse que era feminista quando nova, provavelmente “levaria pedrada”:

Eu era uma mulher cheia de filhos, que ainda tinha que trabalhar em uma fábrica de sabão para sustentá-los. Naquele momento percebi que estava sozinha, sem ninguém mais por mim, apenas Deus. Ali comecei a entender que eu era feminista. Na época, não se usava muito isso de se falar que era “feminista”. E, se alguém falasse, Deus me livre, era pedrada.⁸¹

A cantora diz que se hoje em dia o termo feminismo ainda carrega visões e opiniões preconceituosas, imaginem há 40/50/60 anos atrás? Por outro lado, também vemos que em vários lugares, o termo feminismo ainda carrega um peso muito forte negativamente, cheio de estereótipos e preconceitos, como por exemplo no circuito do gênero musical sertanejo. O feminismo é algo como foi transformado em uma forma de senso comum e, também, repudiado (MCROBBIE, 2003). Várias artistas do chamado “feminejo” (sertanejo cantado por mulheres) não se identificam com a palavra feminista, por mais que em suas músicas, para muitas pessoas, elas estejam falando exatamente sobre um dos pontos principais do feminismo: a liberdade da mulher. Ou seja, isto é algo muito comum em nossa sociedade: a falta de conhecimento sobre o termo feminismo.

De acordo com Cynthia Semíramis, pesquisadora sobre história dos direitos das mulheres e doutoranda em direito na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), em uma entrevista dada ao site *UOL* sobre feminismo no sertanejo⁸², existe uma grande importância na identificação dos termos, pois amplia a força e a capacidade de mudança e a confusão em torno do que é feminismo, dificulta a compreensão mesmo quando se defende direitos e igualdade de gênero. Porém, entre o conceito e rótulo, deve prevalecer o primeiro e afirma “o que importa é a mensagem de autonomia e liberdade passada para o público, pois estimula que mulheres sejam independentes e donas das próprias escolhas, sendo admiradas e respeitadas por isso”.

O uso do termo feminismo por cantoras e outras personalidades públicas pode ser visto como uma forma de marketing. De acordo com a reportagem do site *UOL* sobre “feminejo”, é fato de que existe muita polêmica acerca do significado de feminismo, e isso faz com que muitos fãs deste gênero musical considerem o feminismo como algo ruim, ou seja, para as cantoras de sertanejo Maiara e Maraísa seria, talvez, prejudicial financeiramente que elas se identificassem como feministas mesmo tendo em várias de suas músicas o tema igualdade de gênero como foco, pois seu público alvo entende que feministas são mulheres “raivosas/mal

⁸¹ SALOMÃO, G; BORGES, L. Elza Soares: “Já passou o tempo de sofrermos caladas. Está na hora de gritar”. *Época*, 08 de março de 2016. Disponível em <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/03/elza-soares-ja-passou-o-tempo-de-sofermos-caladas-esta-na-hora-de-gritar.html>>.

⁸² TAB. A voz delas. *UOL*. Disponível em <<http://tab.uol.com.br/feminismo-sertanejo/#manual-de-instrucoes>>.

amadas/etc”, para Cynthia Semíramis “elas não usam o rótulo mas estão falando sobre feminismo”.

Para McRobbie (2006) os produtos midiáticos contemporâneos atuam de forma decisiva para a construção de um novo regime de gênero baseado no duplo enredamento, em que a mensagem tradicionalista e antifeminista é diluída em uma estética e em uma retórica da liberdade, da diversão e do poder feminino. (LEAL, 2015, p. 40) Assim como em várias letras de músicas do “feminejo”, onde as cantoras falam sobre exatamente estes pontos: poder feminino, liberdade e diversão

Com isso, podemos perceber através das falas de Tay Nascimento, que os responsáveis pela confecção do álbum *A Mulher do Fim do Mundo*, tiveram consciência ao pensarem a ideia do álbum de que a imagem de Elza e o acionamento de seu discurso sobre feminismo e questões raciais seria muito bom para a imagem do produto, pois, como vimos, falar sobre feminismo pode ter virado “pop”, diferente do que seria para as cantoras de sertanejo. Aparentemente, não foi algo que partiu de Elza, mas sim do grupo de músicos que a convidou. Nos álbuns anteriores de Elza, por mais que ela sempre tenha se colocado a favor da luta das mulheres, não era pertinente esse acionamento de seu discurso feminista, diferente de agora, o que fez com que essa estratégia de identificação, tenha conferido sentidos diferenciados ao álbum: “se as condições produtivas associadas a um determinado nível de pertinência variam, os discursos também, em alguma parte, variam” (VERON, 1996, p. 138).

Apesar de não estar dissociado do entretenimento, ter estratégias de marketing no álbum e estar dentro dos parâmetros da indústria cultural, Elza Soares, não deixa de ter grande importância na luta política, assim como diz Angela Davis sobre a cantora americana Beyoncé ter sampleado um discurso da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie sobre feminismo:

Claro que, quando se fala em indústria corporativa de cultura de massa e da mercantilização de corpos e da música – claro que tudo isso está posto, mas eu realmente gostei do fato de Beyoncé ter trazido uma das mais interessantes escritoras do nosso tempo, na minha opinião, Chimamanda Ngozi Adichie e que tenha sampleado o seu discurso sobre feminismo. Estou certa de que muitas mulheres jovens e, espero, homens jovens ou pessoas jovens que não necessariamente se identifiquem como homens ou mulheres se comoveram com isso, para, pelo menos, começar a pensar sobre o que pode significar o feminismo. Isto significa que eles podem ser conduzidos por uma jornada que lhes permitirá adotar uma noção mais ampla do que significa o feminismo, suas metodologias e suas abordagens com relação à militância e à pesquisa. Estou confiante de que ela tocou algumas pessoas com isso.⁸³

E sobre o papel dos artistas na luta política:

⁸³ Angela Davis sobre racismo, feminismo e Beyoncé. *Blogueiras Feministas*, 17 de fevereiro de 2016. Disponível em <<http://blogueirasfeministas.com/2016/02/angela-davis-sobre-racismo-feminismo-e-beyonce/>>.

Historicamente, nos EUA, tem-se a ideia de que os artistas existem para promover o entretenimento das pessoas. Dessa maneira, perde-se de vista o profundo papel dos artistas, que é colocar uma nova consciência, uma vez que eles têm recursos visuais e performáticos, usam o corpo como forma de expressão artística, enfim, possuem modos de dizer as coisas que o discurso político não dá conta.⁸⁴

Deste modo como Beyoncé tem grande importância no movimento feminista ao levantar nomes como de Chimamanda, Elza levanta assuntos como violência contra a mulher, algo que é uma triste realidade no Brasil e de extrema importância na luta feminista, principalmente quando falamos sobre o número exorbitante de feminicídio de mulheres negras, o que vimos no capítulo 2.

Apesar disso tudo, o que Tay Nascimento diz em suas publicações é sobre o fato do grupo (em sua maioria de homens brancos) não ter convidado mais mulheres e pessoas negras para a confecção deste projeto que se diz “um grito para as minorias” me parece realmente muito contraditório: “como um disco serve tanto à causa feminista pela força de Elza, pelo empoderamento das mulheres e por outro lado também omite e massacra outras em seu processo de produção?” Será que as pessoas envolvidas na confecção deste álbum, como Elza, indagaram-se sobre esta questão também ou foi algo que passou despercebido? Assim como, por exemplo, outros artistas que se propõe debater essas questões, e que realmente empregam mulheres e pessoas negras em suas bandas e produções, como o rapper Emicida e a cantora de pop Beyoncé e, “*não apenas na direção de arte, no quarteto de cordas (quando há orçamento) iluminação, composição, administração, cenografia*”.

Parece-me que, com o lançamento do videoclipe do single *Mulher do Fim do Mundo*⁸⁵ (o primeiro videoclipe deste álbum) no dia 03 de março de 2017, a existência de mulheres na produção e principalmente mulheres negras na atuação dele é extremamente política e, também, como uma forma de pedir “desculpas” pela ausência delas na feitura do resto do álbum. Com direção da cineasta Paula Gaitán, “o clipe foi rodado em plano fechado, adaptando para a linguagem audiovisual os versos da emblemática canção, que conta com pouco mais de cinco minutos, intercala imagens de Elza às dos atores e atrizes Grace Passô, Mafalda Pequenino, Rene Castillo Ferrer e Daniel Passi, que dançam em meio a uma explosão de cores violáceas.”⁸⁶

⁸⁴ As mulheres negras na construção de uma nova utopia – Angela Davis. *Geledés Instituto da Mulher Negra*, 12 de julho de 2011. Disponível em <<http://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/#gs.zNV9JwQ>>.

⁸⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6SWIwW9mg8s>>.

⁸⁶ REDAÇÃO. Exclusivo: Elza Soares lança primeiro videoclipe em formato de cinema da carreira; assista a “*Mulher do Fim do Mundo*”. *Rolling Stone Brasil*, 3 de março de 2017. Disponível <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/exclusivo-elza-soares-lanca-primeiro-videoclipe-da-carreira-veja-mulher-do-fim-do-mundo/#imagem0>>

Esperamos que, além do discurso social e debates acerca de feminismo, “pós-feminismo”, racismo e outras questões, que este álbum vem promovendo, o que é de grande importância, mais mulheres e pessoas negras possam desenvolver seus trabalhos através dele, como a diretora e atrizes do videoclipe de *Mulher do Fim do Mundo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa voltou-se para a compreensão da experiência musical e discursiva a partir de uma análise sobre a trajetória da cantora Elza Soares e seu último álbum, intitulado *A Mulher do Fim do Mundo*, com foco em questões sobre gênero e raça, que são pontos importantes para compreendermos estes discursos de Elza. A amplitude do tema foi recortada de modo a responder as perguntas realizadas no início desta monografia: “Soares sempre se considerou feminista? Podemos dizer que o acionamento do feminismo pode ser entendido apenas como marketing para divulgação de seu álbum (uma vez que o assunto está em debate atualmente, no campo cultural, tal como vimos nas polêmicas envolvendo a cantora Beyoncé em sua turnê *On The Run*)? Como em sua trajetória Elza foi direcionada a essas questões sociais? Por que hoje em dia essas questões ganharam uma importância e geraram uma polêmica muito maiores? Qual o contexto social e político em que vivemos e como ele influencia o álbum? Qual a importância de Elza Soares para as minorias?”

Nos debates realizados neste estudo, comprovou-se que os tempos são diferentes aos de quando Elza sofria abusos e, desde aquela época, ela sempre se considerou feminista, apesar de não estar propriamente ligada aos movimentos sociais. O feminismo para ela seria uma luta por sobrevivência e, por ser uma das primeiras grandes cantoras negras, influenciou e continua influenciando, gerações de mulheres que vieram depois dela. Mesmo sem querer se envolver diretamente com a política, Elza fazia política, pois é extremamente forte uma mulher negra e periférica, como ela, ter chegado aos 80 anos com grande prestígio em sua carreira, podendo cantar e falar de assuntos como negritude e violência doméstica e, ainda que o acionamento deste discurso feminista agora possa ser visto como uma jogada de marketing, ela não deixa de ter potência política. Hoje em dia, com a ajuda das redes sociais, Elza amplifica seus discursos sociais através de postagens debatendo sobre racismo, violência doméstica e, também, questões LGBTQ’s.

Por mais que os movimentos feministas tenham conquistado nas ondas anteriores direito ao voto, educação para as mulheres e ingresso no mercado de trabalho (para mulheres brancas, pois as mulheres negras já trabalhavam), por exemplo, muitas destas mulheres ainda vivem situações precárias, como é o caso de muitas mulheres negras e periféricas no Brasil, como vimos no capítulo 2, pois mesmo com a criação de leis como a Maria da Penha que criminaliza a violência doméstica, houve um aumento exorbitante do feminicídio de mulheres negras, devido a precariedade das políticas públicas e ao machismo gritante da sociedade.

Vimos que as mulheres negras, por serem sujeitos duplamente subordinados, devido ao racismo e machismo, elementos estruturantes de nossa sociedade, utilizam-se de estratégias para resistirem, como através da arte:

Tem sido através da música que um importante segmento populacional subordinado, ou seja, a população de homens e mulheres negros do Brasil e de toda diáspora africana, tem buscado expressar visões de mundo, desenvolver e comunicar táticas e estratégias de liberdade. Bem como produzir territórios sonoros, divulgar e reelaborar saberes e análises acerca da realidade em que vivem e viviam. (WERNECK, 2007, p. 32)

De acordo com Stuart Hall (2003) o terreno da cultura oferece possibilidades para estes sujeitos marginais, principalmente as mulheres negras, como “vozes da margem”, e demonstra um momento favorável à ocupação de novas posições na cultura por estes sujeitos. Sendo também, o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. (Hall, 2003c, p. 338)

Para Werneck:

O que significa dizer que trata-se de um momento favorável para a ocupação de espaços na cultura de massa, decorrente de disputas entre os diferentes pólos e interesses atuantes no campo da cultura, a partir de uma demanda pelo novo. Situação que poderá significar também novos posicionamentos desde a perspectiva das mulheres negras, habitantes inferiorizadas das periferias das sociedades racistas e patriarcais. (2007, p. 25)

Vivemos em um momento político de muita inquietação sobre a questão do feminismo, por um lado podemos ver o crescimento de debates sobre o assunto em suas variadas formas, como na música e, por outro, através do *backlash*, o aumento de uma população conservadora com um discurso de repúdio à luta feminista. Com tudo isso e, também, pelo o termo feminismo ter virado uma “*buzzword*”, falar sobre feminismo é algo que está em voga na mídia, além de questões sobre as liberdades individuais de cada mulher, é de grande importância tratar de assuntos críticos como a violência contra a mulher, analisado a partir da música *Maria da Vila Matilde*.

A discussão sobre o álbum ser ou não feminista foi a questão central do terceiro capítulo desta pesquisa. As considerações feitas neste capítulo pontuaram que assim como a sociedade, a indústria cultural é estruturada por elementos como o machismo e racismo, gerando em um número baixo de mulheres e negros nas produções de produtos culturais, até mesmo em produtos que são colocados como “uma voz das minorias”, algo que parece realmente

contraditório. E, por mais que este discurso feminista seja visto como marketing, não faz com que Elza Soares perca sua potência política, visto toda sua trajetória de luta e resistência.

Por fim, espero que minha pesquisa possa contribuir para debates e estudos sobre feminismo, racismo, música e indústria cultural. E também, que em um futuro próximo, as políticas públicas sejam melhoradas para funcionar para aquelas pessoas que mais necessitam delas. Lembrando também que, só a luta política conseguiria mudar a estrutura machista e patriarcal da sociedade, a música nos conscientiza e auxilia nessa mudança. Além de que nós possamos presenciar a existência de sujeitos subordinados em espaços de criação e produção cultural, que tenhamos mais Elza Soares, Karol Conká, Linn da Quebrada, Liniker, Pablllo Vittar, Tássia Reis, MC Carol, Gaby Amarantos, Mahmundi, Jaloo, Rico Dalasam, As Bahia e a Cozinha Mineira, Yzalú e, por trás de todas essas e esses artistas, possamos encontrar outras grandes mulheres, pessoas trans e negros trabalhando na produção, direção, tocando nas bandas ou em outros espaços. Que todas elas cantem até o fim!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Editora Boitempo. 1981.

LOUZEIRO, José. *Cantando para não enlouquecer*. Editora Globo, 1997.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. Selo Negro Edições, 2011.

_____. *Identidade Feminina*. Cadernos Geledés. São Paulo, nº 4 [Mulher Negra], p.1-6.1993

_____. *Gênero, raça e ascensão social*. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.544-552, 1995.

_____. *Mulheres em Movimento*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 49, n. 17, p.117-132, 2003. Qudrimestral.

WERNECK, Jurema. *O SAMBA SEGUNDO AS IALODÊS: Mulheres negras e a cultura midiática*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação da UFRJ. 2007.

GUTIERREZ, Rachel. *O feminismo é um humanismo – o sentido libertário da luta da mulher*. São Paulo: Nobel, 1985.

COSTA, Ana Alice. *O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política*. In: PISCITELLI, Adriana et al, (orgs). *Olhares feministas*. Brasília: MEC/UNESCO, 2009, p.51-81.

PAÑUELOS EM REBELDÍA. *Hacia Una Pedagogia Feminista. Gêneros e Educación Popular*. America Libre. Buenos Aires, 2007.

COLLINS, Patricia Hill. *The Social Construction ok Black Feminist Thought*. In: JSTOR. *Common Grounds and Crossroads: Race, Ethnicity, and Class in Women´s Live*. 4. ed. Chicago: The University Of Chicago Press, 1989.

GEBARA, Ivone. *Cultura e Relações de Gênero*. São Paulo:Cepis, 2001.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. *Sociologia Política*. Curitiba: v. 18, n. 36, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu*. ORTIZ, Renato. (org.). São Paulo: Ática, 1983.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Tradição e esquecimento*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CARDOSO FILHO, Jorge; JANOTTI JR, Jeder. *A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. Comunicação e música popular massiva*, Salvador, Edufba, 2006.

DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo; FAPESP, 2008.

DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. *Os usos dos bens*. In: DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

HERSCHMANN, Micael. *Indústria da Música em Transição*. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010, v.1. p.179.

SÁ, Simone Pereira de. *Will Straw: cenas musicais, sensibilidades, afetos e a cidade*. In: JANOTTI JR, Jeder.; GOMES, Itânia (orgs.). *Comunicação e estudos culturais*. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 147-162.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização: Liv Sovik. Belo Horizonte, Editora UFMG, Brasília, UNESCO, 2003.

_____. O problema da ideologia. In: HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG/Brasília: Unesco, 2003.

FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. Estudos feministas, Florianópolis, v. 13, 2005.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, 1995.

SAFIOTTI, Heleieth. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu, Abramo, 2004.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Companhia das Letras: São Paulo, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo – volume I: fatos e mitos*. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1970.

GENZ, Stéphanie; BRABON, Benjamin A. Girl Power and Chick Lit. In: GENZ, Stéphanie; BRABON, Benjamin A. *Postfeminism: cultural texts and theories*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009, p. 76-90.

LEAL, Tatiane. *A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento, 2005.

MCROBBIE, Angela. Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero. In: CURRAN, James; MORLEY, David. *Media and Cultural Theory*. London/New York: Routledge, 2006, p. 59-69.

MORAES, Maria Lygia de. *Vinte anos de feminismo*. Tese de livre-docência, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 1996.

ROUSSEAU, Jean - Jacques. *Emílio ou da educação*. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973. (Clássicos Garnier).

PEREIRA, Hildete & SCHUMACHER, Schuma. Feminismo pós-75 – segunda onda feminista no Brasil. In: SCHUMACHER, Schuma. *Dicionário Mulheres do Brasil*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FRITH, Simon. *Performing Rites: on the value of popular music*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

PEREIRA DE SÁ, S CARREIRO, R. (Org.) ; FERRARAZ, R. (Org.). “O pop não poupa ninguém”. In: *Cultura Pop*.

FRANÇA, Vera Veiga. Celebidades: identificação, idealização ou consumo? In: FRANÇA, Vera et al. *Celebidades no século XXI: Transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

COELHO, Maria Cláudia. *A experiência da fama: individualismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 14/07/2017

Eu, **EDUARDA CUNHA COLOMBIANO**, CPF 154.331.087-75 formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada **“A MULHER DO FIM DO MUNDO: UM ESTUDO SOBRE OS DISCURSOS SOCIAIS DE ELZA SOARES A PARTIR DE SUA TRAJETÓRIA”** defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

EDUARDA CUNHA COLOMBIANO